

Argumento original:
**Coordenadoria de IST/Aids
da cidade de São Paulo**

ENTRE TANTOS



**Argumento original:
Coordenadoria de IST/Aids
da cidade de São Paulo**

ENTRE TANTOS

**Autor:
Christian Carvalho Cruz**

Publicado por:

Secretaria Municipal de Saúde – PMSP
Coordenadoria de IST/Aids da Cidade de São Paulo
Rua General Jardim, 36 – 4º andar
Centro – São Paulo – 01223-010
istaidis@prefeitura.sp.gov.br
www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/saude/istaidis/

Ricardo Nunes – Prefeito

Dr. Luiz Carlos Zamarco – Secretário Municipal de Saúde

Maria Cristina Abbate – Coordenadora da Coordenadoria de IST/Aids da cidade de São Paulo

Sandra Maria Sabino Fonseca - Secretária-Executiva de Atenção Básica, Especialidades e Vigilância em Saúde da cidade de São Paulo

Organização:

Gabriel Campbell
Edmar Borges
Adriano Medeiros
Márcia Souza
Aline Pilon

Capa, Projeto Gráfico e Produção:

Fernanda Carvalho
Gabriela Biondi

**Dados Internacionais de catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Cruz, Christian Carvalho
Entre tantos / Christian Carvalho Cruz. --
São Paulo, SP : Secretaria Municipal da Saúde de São Paulo, 2022.

ISBN 978-65-999207-0-7

1. AIDS (Doença) - Aspectos sociais 2. Crônicas brasileiras
3. Crônicas jornalísticas 4. Saúde pública I. Título.

22-135171

CDD-B869.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Crônicas jornalísticas : Literatura brasileira B869.93
Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

SUMÁRIO

04 Prefácio

48 A resistência amorosa de Flip e Gil

09 Introdução

56 O nascimento de Rosana

10 Os veres e desveres de Thaís

64 A trincheira de Thiago Roberto

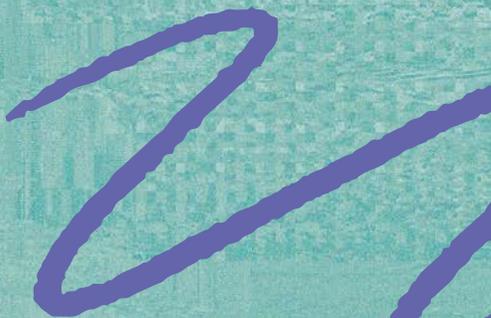
20 O balcão fraterno de Cícera

70 A maternidade de Tábata

30 A aterrissagem de Marcia

80 O Maktub de Welton

40 O peito aberto de Pai Jair



PREFÁCIO

A VIDA É UMA PADARIA

O meu pai, que era Francisco da Cruz, mas poderia ser de Assis, passou cinquenta anos atrás de um balcão de padaria. Foi o menino encarregado de tirar as tampinhas de baixo do estrado de madeira, padeiro, confeitiro, caixa, chapeiro, o homem que fatiava a mortadela, carregava os sacos de fermento lá pra dentro, o fazedor de suco, servidor de café pingado com bons dias, gerente. Ele jogou nas onze. Até assaltado no lugar do patrão ele foi, com revólver apontado pra cabeça e outros bichos.

Se fecho os olhos e me deixo levar ao Jaçanã, o bairro onde cresci, vejo o velho dobrando a esquina da nossa rua, aquele andar tímido dele, o cardigan surrado de lã azul, na mão direita a sacola com oito pãezinhos e um litro de leite tipo B. É de tardezinha e faz frio. Eu largo a bicicleta no chão, corro pra ele com euforia e saudade. A gente se beija no rosto, se abraça, e o cheiro do meu pai, uma mistura de farinha, suor, cerveja e desodorante barato, talvez seja a lembrança mais potente que eu trago daqueles dias em que o mundo era pequeno e terno.

— É amanhã que eu vou trabalhar com você, pai?

— Isso. Amanhã é sábado, dá pra ir. Mas tem que acordar cedo, hein. A gente precisa chegar lá às cinco e meia, vai estar escuro ainda.

— Pode me chamar, que eu acordo.

Nem precisava, porque nesses dias eu mal dormia.

O meu pai está em cada linha deste livro. Ele já estava no Trombadas, um projeto que nasceu de meu desencanto com o jornalismo brasileiro e, sem que eu tivesse planejado, manteve aceso o lume de um jeito meu de estar na vida, que é escrevendo. Muito cedo, mesmo sem saber do que se tratava, eu defini o Trombadas, baseado em encontros com pessoas que eu “trombo” pelas ruas da cidade e publicado no TAB Uol: “É uma trégua. E um reencontro”.

Reencontro.

Primeiro com o Jaçanã, esse bairro no extremo norte da cidade feito de gente simples, casas baixas, botequins aos montes e fábricas que apitam na hora do almoço. Lugar distante, de campinhos de terra, benzedeiras, brigas, amigos assassinados, amigos fugidos para não ser. Domingos de missa, pastel de feira, vitrola tocando Beth Carvalho. Esse lugar cheio de cores de pele, meio bruto mas solidário, irredento e sonhador, onde de manhã eu podia ir pra escola na garupa da moto do vizinho traficante e à tarde voltar de carona na viatura do amigo sargento da PM.

Depois, mergulhando em abismos oceânicos, que é pra onde a escrita nos arrasta, um reencontro com meu pai, com a bondade tranquila e constante dele, com o meu pedaço de Francisco que um dia deixei fugir de mim. No Trombadas e nos textos que escrevo aqui, embora nas vozes de outros, eu me sou. É como se eu balançasse no ônibus com o velho rumo à padaria. Ir trabalhar com meu pai naquelas madrugadas de sereno e mãos dadas, demorei tanto a perceber, ocupa uma imensidão em mim. Encharca as histórias que eu ouço, me cortam e depois vomito no papel. Era na padaria, numa viagem em torno do meu pai, que eu aprendia sobre as coisas que importam. O velho gostava tanto daquilo, que dizia: “Quando ganhar na

loteria, compro uma padaria pra mim”. Mas ir trabalhar com meu pai é jeito de dizer. Quem trabalhava era ele. Eu olhava e ouvia.

Os colegas de serviço dele me chamavam de Chiquinho. E, o mais bonito, em um carnaval de sotaques e alegorias que nunca me saíram dos olhos e dos ouvidos. Porque atrás do balcão de qualquer padaria de São Paulo fica o Brasil. Esses sotaques e alegorias semeiam a minha memória, que agora passeia pelas padocas diversas em que o velho trabalhou, na periferia, na “cidade”, com a gente se referia ao Centro, ou nos bairros dos bacanas. Não vejo os rostos, lembro dos nomes. O padeiro Ceará, Zelito dos frios, Bastião chapeiro, Marilena da caixa, o confeitiro Jandir, Tônico e Vanda do café.

— Chiquinho, prova um sonho, acabou de sair.

— Vem cá, Chiquinho, me ajuda a levar esses risoles pra vitrine.

— Ai, ai, ai. Vai almoçar coxa-creme, Chiquinho? Deixa tua mãe saber...

— Chiquinho, corre lá e pede pro teu pai me fazer um vale, que hoje eu quero ir pra gafeira com a nega.

Eu ficava com a impressão que a turma gostava do meu pai. Sentiam algo bom nele. Respeitavam. Pela inteireza da dedicação e do compromisso com aquela vida atrás do balcão, mas principalmente pela infinita capacidade que ele tinha de harmonizar as coisas, mesmo na tempestade. O meu pai não gostava de tempo ruim. Ele era o homem que desanuviava. O cara que oferecia uma carolina recheada, um petit four que fosse, pros fregueses ranhetas. Um dia eu notei que essas vivências desaguavam inteiras, tão vivas, nas histórias que eu ouvia das pessoas “desconhecidas” com quem trombava e depois contava suas histórias. O Trombadas e este livro são isso, afinal: reencontros com desconhecidos que eu sempre conheci, porque sempre estiveram atrás do balcão da pa-

daria, nas ruas do Jaçanã, no cheiro e no abraço do meu pai.

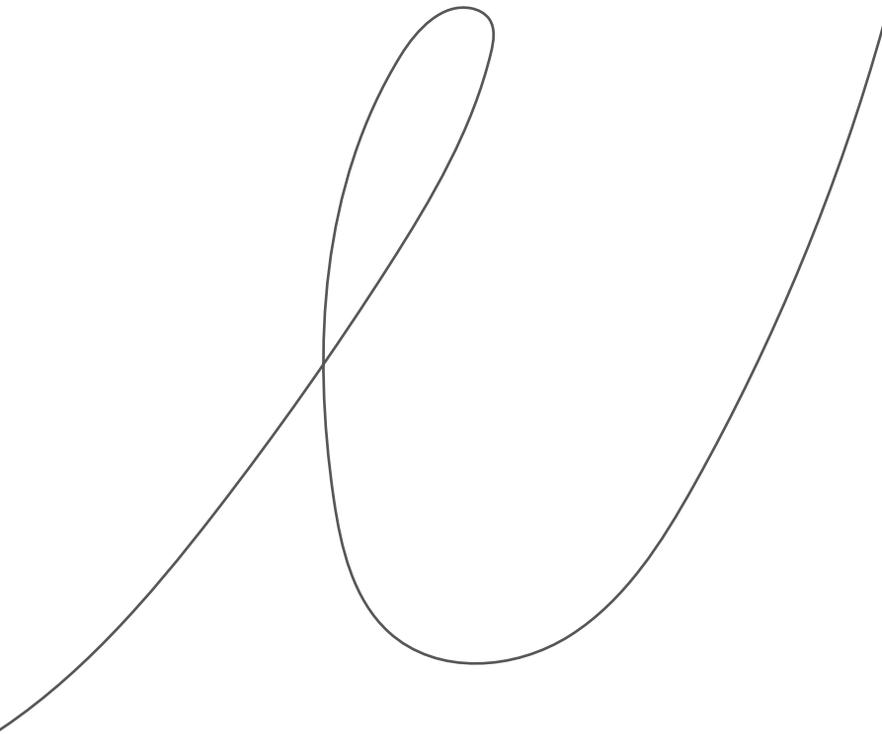
A sensibilidade de Cristina Abatte, coordenadora de IST/Aids da Secretaria Municipal de Saúde de São Paulo, de alguma forma captou isso. Primeiro como leitora do Trombadas e então como idealizadora deste livro. Depois de ler os nove textos prontos, numa reunião ela quis saber como tinha sido pra mim. Imaginei que ela perguntava menos sobre a prática do trabalho e mais sobre sentimentos e sensações. Me embananei numa resposta longa e confusa, mas, de novo, a Cristina entendeu tudo. Encontrar as pessoas, ouvir suas histórias e caçar as palavras que melhor mostrassem a grandeza delas foi como ir trabalhar com meu pai na padaria: sair de casa no escuro, caminhar pro clarão da vida acontecendo e olhar praquilo com fascinação e generosidade, como fazem as crianças.

Márcia, Tábata, Cícera, Flip e Gil, Jair, Rosana, Thaís, Welton, Thiago. Grajaú, Vila Romana, Santana, Centro, Liberdade, Penha, Jardim Angela, Cidade de Tiradentes. Tanta força, dúvidas, tantos recomeços, tropeços, certezas, choros, tantos desencontros, aflições, alegrias, derrotas, tantas vitórias nessas pessoas e nesses territórios. E o tempo todo uma força envolvendo e dando sentido a tudo: o compromisso com o serviço público de saúde, a esperança na vida, o cuidado com quem está ao lado, a dedicação ao trabalho de prevenção e tratamento da Aids em São Paulo.

Durante a pesquisa para este livro, repetindo o velho, levei meu filho Miguel pra trabalhar comigo, pra ele também ouvir, ver e sentir mais coisas que importam. Estivemos juntos em alguns encontros com as pessoas generosas que me contaram as histórias incríveis que registro a seguir. Foi uma jornada maravilhosa pra mim. Agora começa a de vocês. Torço pra que, virando a página, encontrem uma padaria cheia de sotaques, carolinas recheadas e bondade. O meu pai estará lá.

Christian Carvalho Cruz

Julho de 2022



INTRODUÇÃO

As histórias que você vai conhecer seguiram um poderoso percurso até sua compilação final, publicada neste livro. Inéditas, elas trazem diferentes olhares para diferentes personagens. São relatos que, após ouvidos e transcritos pela sensibilidade do autor, traçam um quadro social, cultural e econômico de pessoas que vivem e convivem - de alguma forma - com HIV na maior cidade do Brasil.

Jornalística, mas também literária, a coletânea “Entre tantos” tem o ritmo da crônica, mas é atravessada, inevitavelmente, pela vida real. São as histórias verdadeiras e cotidianas de quem experimenta o universo revelado a cada capítulo. Os depoimentos em primeira pessoa são delicadamente costurados pela interpretação e pelas sensações do autor, que conduzem a uma leitura atenta e afetiva de conceitos, dados e informações comumente tratados como estatística.

E assim, pela viva-voz, preservando o modo como cada personagem se expressa, o ancestral fascínio humano por ouvir e ler histórias permite estabelecer relações de identificação e empatia que levam a um novo conhecimento, mais sensível e aprofundado, a respeito do tema e suas tantas histórias reais.

Coordenadoria de IST/AIDS
da cidade de São Paulo





OS VERES E DESVERES DE THAÍS

E LÁ NÃO ESTAVAM
ACOSTUMADOS A VER
ALGUÉM COMO EU

Capítulo 1

Era de noite, chovia, uma noite escura dessas em que pouca coisa se vê. Eu estava parada debaixo de uma árvore. Me viram. O carro encostou, os vidros estavam embaçados, não dava pra ver lá dentro. Me aproximei. O cliente perguntou quanto era o sexo oral, eu respondi, fomos. Foi tudo o que eu vi. Minha vida tem muito disso, você vai ver: ver, desver, ser vista, revista e desvista, quererem me ver como não me vejo. Naquela noite tinha mais dois escondidos no banco de trás. Quem conseguiria ver?

Eu só ouvi. Um disse pro outro:

— Vê aí se tem uma faca na bolsa. Vamos sangrar ela.

Abri os olhos no hospital dois dias depois. Me deram tanta porrada que a parte branca do olho direito tinha mudado de cor: pra vermelha, de sangue. Os médicos precisaram fazer uma raspagem. Até hoje esse olho treme contra a minha vontade, me lembrando do que naquela noite eu não vi, mas senti. E sinto, porque todos os dias.

Thaís ou Zelmi, não tem problema. Eu vejo Thaís, pois sou Thaís. Os outros vêem Zelmi, porque o preconceito e a hipocrisia cegam. Ora, tantos e tantos clientes me disseram “Não quero te ver com essa roupa de mulher!”. E outros tantos tiraram o terno e a gravata pra vestir a minha lingerie. Queriam se ver no que me desviam.

Mas uma hora cansa. Quando uma empresa faz processo de seleção não vê o profissional, suas capacidades, sua dedicação, sua competência. Vê a travesti, o homossexual, o nordestino. É assim também com o negro, com o gordo... Aí te olham, nunca nos olhos, e dizem: “A gente se vê”. Não vê. Jamais. Cansei de ver as portas batendo na minha cara, cansei de falar, explicar, cansei de ser vista por olhos que não toleram me ver. Então resolvi isso comigo, sozinha: Thaís ou Zelmi, tudo bem. Sou uma travesti de gê-

nero fluido. Se estou Thaís uso o banheiro das meninas. Se estou Zelmi, o dos meninos. A roupa é uma fantasia. Pra todo mundo. Mas olho pra mim como sou e é Thaís que eu vejo. Quando os outros param pra pensar e se perguntar o que eles estão vendo, eu já fui, passei. Prefiro assim, pra evitar desperdício de energia.

Eu vim de uma cidade muito pequena no sertão da Bahia chamada Cansação. Sou a filha mais velha de uma família de sitiantes. Pai, mãe e dez filhos: sete homens, três mulheres contando comigo. Acho que foi aos 14 anos que eu me vi com mais clareza pela primeira vez. Fomos visitar uns compadres e a dona da casa, não entendendo o que via, perguntou a minha mãe:

— Ô, Marinalva, tua filha não quer comer nada, não?

Minha mãe respirou fundo e respondeu:

— Não. Meu filho já comeu.

Naquela respirada de minha mãe eu entendi que deixaria Cansação pra trás. Meus irmãos acompanhavam nosso pai na lida na roça, eu não conseguia. Só via a escola. Queria estudar, tinha interesse pelas coisas, vontade de aprender, saber, conhecer. De nossa casa até o colégio eu caminhava quase três horas. E lá não estavam acostumados a ver alguém como eu. Eu apanhava dos colegas em dobro: não só porque era efeminada, mas porque era efeminada e estudiosa, onde já se viu?

Não sentia raiva, só solidão. Saía pouco de casa, não tinha amigos, amigas, nem com quem conversar. Foi tanta violência e tristeza que aos 15 eu decidi vir pra São Paulo. Uma tia vivia aqui e minha ideia era estudar e,

no meio de tanta gente, ser alguém: eu. Mas claro que a cidade grande que eu via na minha imaginação, um lugar com possibilidades, com oportunidade de trabalhar, de respirar, nada tinha a ver com a realidade. Eu logo descobriria a diferença básica entre Cansanção e São Paulo. Se lá as pessoas não queriam me ver porque não entendiam o que viam, aqui elas entendem perfeitamente — e por isso não querem me ver. Muitas também porque não querem se ver. Pois elas que se resolvam.

Quando cheguei em São Paulo fui trabalhar num restaurante num clube japonês pros lados da Rodovia Raposo Tavares. A patroa me deixava morar num quartinho nos fundos de um imóvel dela, que estava desalugado, e assim ela matava dois coelhos: me descontava do salário a moradia, ou seja, dinheiro que voltava pro bolso dela, e ainda me tinha como vigia da propriedade. No restaurante eu lavava louça, chão, banheiro, carregava as coisas, serviços gerais. Ganhava pouquinho, e como queria mandar dinheiro pra família em Cansanção, me apertava. Não via sobrar nada. No começo da semana eu comprava meio quilo de carne moída, uma cebola e 250 gramas de arroz a granel. Refogava a cebola bonitinho, cozinhava uma panelona com o arroz e a carne moída, jogava um coloral pra dar uma astral, e comia aquilo a semana inteira. Pra beber, ki-suco em pó.

Um dia a patroa viu roupas femininas no varal:

— Essas roupas são suas?

Eu pensei em dizer que eram de uma amiga que tinha ido me visitar, mas fiquei com medo de ela ver coisa onde não tinha e achar que eu estava fazendo a casa dela de motel. Aí falei a verdade, mas encerrando o assunto:

— É, são minhas. Às vezes eu me arrumo pra sair. Vou numas baladas diferentes.

Ela não insistiu.

À noite eu ia pra escola. Eu tentei, juro que tentei. Eu era inteligente, dedicada, gostava da escola, só tirava nota boa, as professoras estão de prova. Eu queria tanto ver o horizonte. Só que eu mal podia usar o banheiro! Ficava segurando, segurando, segurando. Porque se eu ia ao banheiro dos meninos, me jogavam água na cara, na roupa, me chutavam, me trancavam. Se ia ao das meninas, elas gritavam, me xingavam, ameaçavam. Então eu segurava. Depois do recreio, quando todo mundo voltava pras salas de aula, eu, muito sem jeito, perguntava à professora se podia ir fazer xixi. Era constrangedor, eu podia ver meu rosto pegando fogo de vergonha. Então eu corria pro banheiro, torcendo pra não ser vista.

Tinha muito bandido traficante nessa escola. Eles mandavam. Eu via que, pra eles, me jogar água na cara ou me matar de pancada numa rua deserta seria a mesma coisa. A situação ficou tão pesada que eu passei a sair da escola escondida dentro do porta-malas do carro da diretora. Desvista, como eles queriam. E assim só pude ir até a oitava série. Mas eu queria tanto ter continuado. Tinha tanta coisa pra ver.

Aí o restaurante japonês faliu. Caramba, e agora? Vou ter que sair daqui! De repente eu não tinha nada pra ver: nem trabalho, nem comida, nem moradia. Sem estudo, também não via oportunidade rápida de emprego. Meu deus, o que eu vou fazer com a minha vida? Como eu vou sobreviver? Eu só vi um caminho desesperado na minha frente: a prostituição.

Eu tinha tirado diploma de sala e bar, um curso em que a gente aprendia a fazer todos os serviços em hotéis, bares e restaurantes: garçom, barman, cozinheira, camareira. Às vezes eu conseguia trabalho nisso também. Era quando viam o Zelmi de dia e a Thaís de noite. Eu tinha um único

objetivo: comprar um canto pra morar e não sentir mais aquela aflição de ficar desamparada. Nunca mais. Juntei dinheiro por dez anos, até conseguir comprar um apartamentinho na Bela Vista. Nesse tempo eu fazia ponto na região do Ceasa e via nove entre dez clientes só quererem sexo sem camisinha. Eu me recusava, inventava alguma desculpa, e por isso estou viva. Em quase 30 anos na rua nunca contraí uma IST. Nadinha. Mas muitas colegas topavam ir sem camisinha, me dava uma dor vê-las entrando no carro do cliente que eu tinha acabado de recusar. Aí virava e mexia a gente desvia as meninas, que adoeciam e morriam. Ué, fulana não veio hoje? Tá com a “tia”. E sicrana? Com a “tia”. Muitas se foram por causa da Aids. E outras muitas assassinadas. Tinha uns policiais que iam lá e adoravam ver a gente humilhada, amedrontada como filhote de cachorro:

— Vai, lixão! Tira a roupa e lambe a minha bota!

Ou lambia, ou morria.

Mas foi no meio dessa desgraça que eu vi uma luz. Eu lia muito, me informava, precisava de camisinha, que na época não se via no sistema de saúde. Fazia seis, sete, dez programas por noite, e não tinha dinheiro pra comprar tanto preservativo. Às vezes eu furtava nas farmácias, era o jeito. Um dia fui a uma unidade de saúde na rua Libero Badaró, onde hoje fica o Centro de Testagem e Acolhimento Henfil. Fomos eu, Flavia, Alcione e Miriam, que também estão vivas até hoje. Nos identificamos como profissionais do sexo e pedimos uma caixa de camisinha cada. A agente de saúde, que não estava acostumada a ver aquele tipo de coisa, achou um absurdo. Nos deu seis e disse que na semana seguinte podíamos pegar mais seis. Seis camisinhas! Mal dava pra um dia de trabalho.

Depois ouvimos dizer que noutra unidade de saúde, nos Campos Elí-

seos, dava pra conseguir mais alguns preservativos. Fomo lá ver. Primeiro, aquele monte de prontuário pra preencher. E os profissionais de saúde, ainda habituados a ver as coisas de outra maneira, nos desviam:

— Thaís, não! Aqui não tem isso. RG de homem. Precisa ser o RG de homem!

Mas tinha lá uma servidora chamada Silvia Rebellato, educadora em saúde pública. Ela via a gente indo à unidade toda semana, toda semana, toda semana e quis saber que necessidade era aquela. A Silvia viu que tinha uma coisa importante ali e organizou um grupo de discussão e orientação. Ela, eu, Flavia, Alcione e Miriam. Ela queria saber de tudo: nossa rotina, a relação com os cafetões e as cafetinas, as preferências dos clientes, a violência da polícia. A gente se via toda quarta-feira e passava duas horas conversando. Logo outras meninas se juntaram e o grupo foi crescendo.

Foi uma luta bonita da Silvia, porque ninguém mais ali queria ver aquilo. Ela abraçou sozinha no começo. Dizia pra gente:

— Vocês existem. O serviço de saúde pública não pode fingir que não vê. Vocês precisam de camisinhas, cuidados e direitos.

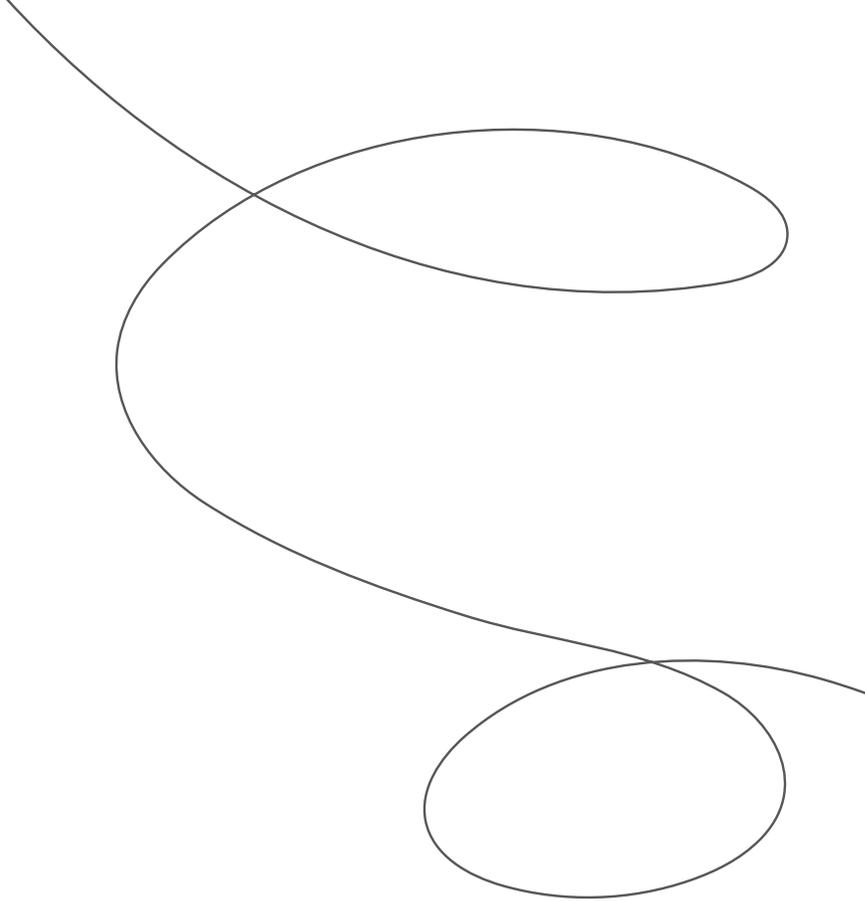
Era um grupo de trabalho pra melhorar o atendimento de saúde das travestis, mas se tornou um aprendizado pros dois lados. Os profissionais de saúde foram vendo que nós não éramos uma ameaça, que não podiam mais nos desver. E nós fomos vendo que eles precisavam nos ver de outro jeito. Ali era a Boca do Lixo, muitas meninas só saíam de casa à noite, só tinham contato com outras profissionais do sexo, cliente e cafetina. E bicho que vive entocado, você já viu?, tem dificul-

dade quando vê a luz do dia. Muitas saíam do programa e iam direto pra unidade de saúde, às vezes drogadas, alcoolizadas. Aos poucos as coisas foram melhorando.

Eu vi que aquele processo não teria volta, que tínhamos conquistado uma coisa boa, quando inventamos de fazer uma celebração de Natal lá. Porque não existe palavra que travesti mais odeia ouvir do que Natal. A gente prefere ver o diabo a ouvir “Natal”. Travesti nunca tem família com quem passar o Natal, então é uma época de tristeza profunda. Mas bolamos essa confraternização na unidade de saúde. Cada uma ajudava como podia. A Thaís é boa na cozinha, vai preparar a comida. Diana gosta de som, música, vai fazer um show. Sueli leva jeito com decoração, vai enfeitar as mesas. Você precisava ver a euforia no primeiro ano. Pela primeira vez na minha vida eu não sentia raiva do Natal. E os profissionais de saúde se sensibilizaram, viram que não era palhaçada. A festa virou parte do calendário da unidade. Organizamos mais de vinte anos seguidos, só parando em 2020 por causa da epidemia de Covid.

Resumindo, pra você ver: de uma necessidade, uma situação de falta de camisinhas, nós abrimos um caminho para diminuir a nossa invisibilidade — ou aumentar a visibilidade de quem somos, veja você como fica melhor. Claro que é pouco ainda, mas avançamos. E eu tenho um orgulho danado de ter feito parte do começo dessa transformação. Não pude estudar, me formar, mas eu olho na parede lá no meu cantinho e vejo esse diploma, sabe? O programa de atendimento em saúde para travestis e profissionais do sexo é uma conquista da cidade. Qualquer um vê isso. Não tem mais volta. Eu sigo como agente de prevenção, conversando e orientando as meninas na rua. Elas me vêem, me ouvem, prestam atenção em mim. Porque eu tenho o dialeto, eu conheço as aflições, os medos. Eu sou elas.

Mas sou chef de cozinha também. Trabalho num bufê que prepara refeições para eventos. Minha especialidade? Olha, se você me der um frango eu preparo um banquete de reis e rainhas. Mas a minha especialidade mesmo é o escondidinho de carne seca, mandioca e requeijão natural. Escondidinho... Que coisa, não é? Mas te garanto: apesar do nome todo mundo vê que é bom.



Thaís Lima,
47 anos, chef de cozinha e agente
de prevenção do CTA Henfil



**EU FAÇO O QUE EU
POSSO. ÀS VEZES ATÉ
O QUE EU NÃO POSSO**

O BALCÃO FRATERNAL DE CÍCERA

Capítulo 2

Nesta sala aqui, venha ver, ficam os prontuários de todos os pacientes que estão em tratamento. As quatro paredes forradinhas do chão ao teto, olha só. Bastante coisa. Outro dia a gente fez uma arrumação e levou pra sala ao lado as pastas dos que faleceram ou abandonaram. E aqui ficaram só os que a gente chama de ativos, quer dizer, pessoal que vem, passa em consulta, pega o medicamento, faz tudo direitinho. Começa no número 4, olha só, paciente desde 1996, o ano que abriu esse SAE Fidélis e eu vim trabalhar aqui. Serviço de Atendimento de Assistência Especializada em IST/Aids Fidélis Ribeiro, Penha de França, zona leste. Começa no prontuário número 4 e vai até... deixa ver, deixa ver... aqui: até o 12.825, de 2022. Quase 13 mil pacientes em 26 anos, a maioria HIV. Dá uns 500 por ano, 40 por mês, mais de um por dia. Ai, menino, eu sou boa de conta. Mas quando eu olho essas prateleiras, esses envelopes pardos, essas pastas todas, não é número que eu enxergo, não. Eu vejo o rosto de cada um, a história de cada um, as alegrias, as tristezas deles. E as minhas.

É que eu trabalhei muito tempo na recepção. Agora estou no RH, mas minha vida no serviço público eu fiz na recepção desse SAE. Mais linha de frente que isso não tem. Ai, são tantas histórias. Tantas. Tem paciente hoje na casa dos vinte e poucos anos que eu conheci na barriga da mãe. Me sinto até um pouco avó deles, porque vi nascer e lutar pela vida, crescer e lutar pela vida, casar e continuar lutando pela vida... Imagina! Nunca que eu pensei que fosse passar por isso, que ia cair num serviço importante assim, fazer tanta diferença na vida das pessoas. Não tô dizendo que eu sou importante, hein! Tô dizendo que o trabalho é que é. Porque ali na recepção, dependendo de como você faz o primeiro atendimento, o paciente pode se sentir confiante e acolhido, e aí ele fica pra fazer os exames e o tratamento, ou pode se sentir ainda mais envergonhado e com medo, e aí ele vira as costas e vai embora. A diferença às vezes tá numa palavra, ou num olhar da recepcionista, é ou não é? E tem uma coisa que eu aprendi logo de cara quando sentei naquela

cadeira e abri o primeiro prontuário: a gente não pode perder paciente. De jeito nenhum. Não pode.

Bom, mas vamos começar do começo. Eu achava que ia colher cana a vida toda lá na minha terra, Aparecida do Oeste, interior de São Paulo, pertinho do Mato Grosso já. Minha mãe morreu cedo. Eu tinha quatro anos e um irmão de seis meses. O nosso pai casou de novo, foi embora e deixou a gente com a vó. Aos oito eu comecei a trabalhar com ela na lavoura. Café, algodão, milho e cana, muita cana. Mas o destino você sabe como é. Um dia um rapaz da capital foi visitar a tia dele, que era nossa vizinha. A gente começou a namorar por carta. Nesse meio tempo, meu pai voltou. Tinha virado alcoólatra: fazia conta em tudo quanto é bar e a minha avó, que sustentava a casa com uma aposentadoriazinha rural, saía quitando as dívidas dele. Aí eu já estava com 17 anos e aquilo me incomodava demais. Foi quando o meu namorado, hoje meu marido, meu falou:

— Vamos embora comigo?

Ai, menino, hoje eu penso: Cícera, você não tinha juízo não? Eu vim com a roupa do corpo. Nem o RG peguei. Só que no meio do caminho, dentro do ônibus, eu olhava pro meu namorado e chorava. “O que foi que eu fiz?”, essa pergunta martelando na minha cabeça e travando a minha garganta. “O que foi que eu fiz?” Já estava arrependida antes de chegar. Era feriado de 7 de Setembro, lembro direitinho. Eu queria voltar. Mas se eu voltasse já viu. Ia ficar malfalada. Ninguém ia acreditar que eu não tinha dormido com ele. Cidade pequena é assim até hoje. Eu não podia envergonhar a minha avó, que já estava doentinha até, e segui viagem. Eu nem desconfiava, mas no final da estrada estava essa Cícera aqui que você está vendo. A Cícera servidora pública, recepcionista do SAE Fidélis.

Eu já tenho 33 anos de prefeitura. Entrei como servente. Fazia limpeza no Hospital Tide Setúbal, em São Miguel, também na zona leste, que é região onde meu marido e a família toda dele sempre moraram. Quando vim pra cá, já vim pro administrativo. Era 1996. Mas tenho que te dizer que foi um susto, menino. Quando eu vi no Diário Oficial que meu novo local de trabalho era aqui, pensei: “Meu deus, um posto de atendimento especializado em Aids. Eu não tenho treinamento pra isso. Como vai ser?” Um dia antes de começar, eu e meu marido viemos conhecer. Naquela época, falavam HIV e já vinha na cabeça aquela imagem de doente terminal, sofrimento. Então eu cheguei angustiada, com medo de não dar conta do trabalho, de fazer tudo errado. Aí foram distribuindo as nossas funções e eu caí na recepção. Fiquei 25 anos e sinto uma falta danada.

Ah, porque a gente vai fazendo amizades, se apegando aos pacientes, às histórias deles, às lutas, às conquistas. Nos primeiros dias eu já percebi que era difícil pra eles virem ao SAE. Uma batalha. Tinha tanto medo nos olhos deles... Uns já chegavam com diagnóstico de HIV positivo, outros pra fazer o exame. Mas quase todos se aproximavam do meu balcão e não falavam nada. Não sabiam o que dizer. Ou gaguejavam. “É aqui que, que, que...”, “Eu vim pra, pra, pra...” As mãos deles tremiam de nervoso. Eu que não podia ficar calada, né? Então tentava acalmar: “Bom dia, meu bem, empresta seu RG. Obrigada. Preenche essa fichinha pra mim. Pronto? Obrigada. Pode entrar naquela sala, meus colegas do acolhimento estão te esperando. Mostra seus exames pra eles, conta a sua história. Tudo vai ficar bem, não se preocupa, não”. E assim fui indo, aprendendo um pouquinho por dia.

E pra você ver que tem coisas que não acontecem por acaso. No mesmo ano que eu comecei aqui, a minha cunhada mais velha, irmã do meu marido, descobriu que vivia com HIV. Foi um choque na família e, como a desinformação era geral, tudo ficou mais complicado, muito doloroso. Os

filhos dela separaram os talheres. Os outros irmãos e irmãs, aquele monte de sobrinho, ninguém queria chegar perto. Ninguém queria fazer visita. Ela emagreceu, ficou fraca, teve tuberculose, e a mãe não sabia se podia ajudar no banho. A família inteira perdida. A primeira coisa que eu fiz foi chegar com meu filho pequeno, que tinha dois aninhos, e dizer: “Vai lá dar um abraço na tia”. Eles ficaram horrorizados. Mas aí eu pude explicar que trabalhava num lugar assim e assado, que abraço não transmite HIV, levava pra eles todos os folhetos do SAE, explicava como acontecia a transmissão, como não acontecia: “Gente, ceis parem com isso. Tão fazendo tudo errado. Ela precisa de amor, de carinho, não dessa distância”. Foi difícil. Eles não se convenceram. E naquela altura o tratamento não era tão avançado ainda. Minha cunhada faleceu no ano seguinte.

A gente perdeu muito paciente nessa situação. A família não aceita, não quer ajudar, muitas vezes recrimina, culpa, aí a pessoa abandona o tratamento, se entrega à doença. É muito triste. Lembro do Roberto*, um dos primeiros pacientes aqui, prontuário número 16*. Por 20 anos ele escondeu da esposa que vivia com HIV. Eu falava “Roberto, você precisa trazer sua mulher pra fazer os exames. Como consegue esconder dela?”. Ele desconversava. Jogava fora as embalagens e as bulas dos remédios e dizia em casa que fazia tratamento pra diabetes e colesterol. Mas não faltava nunca. Vinha em todas as consultas, pegava os medicamentos, fazia os exames. Até que um dia não apareceu mais. Ele era muito querido aqui. Foi uma das primeiras perdas. Eu senti uma tristeza danada.

Teve também o caso do Almir*, prontuário 451*. Primeiro ele vinha de acompanhante da cunhada, a Isabel*, prontuário 181*. Ela chegou acamada, debilitada e toda semana eu falava com ele: “Vamos fazer o exame, Almir? Já tá aqui mesmo, aproveita”. E ele:

— Ai, Cícera, imagina. Não tenho isso não. Tô casado faz tempo e só tenho relação com a minha mulher. Eu sei onde eu piso.

Aí um dia ele topou. A gente servia sopa pros acompanhantes, suco, lanchinho, todo mundo conversava, passava um tempo junto, eu acho que ele se sentiu confortável e foi fazer o exame. Positivo. Menino... Nossa, que chato que foi, viu? Ele saiu da sala e ficou na porta, olhava pra fora, aquele olhar perdido. Do balcão eu sentia o vazio dentro daquele homem que minutos antes tava contente e cheio de vida. Ele não conseguiu nem chorar. Definiu na hora. E por mais que a gente tentasse acolher, ouvir, acho que criou uma barreira ali. O Almir trouxe a mulher dele, a Cláudia*, positivo também, prontuário 460*. E ele se afundou, coitado. Culpou a mulher, não deu dois anos passou a usar droga, foi se entregando, até que partiu. Rapaz bonito, não tinha nem 40 anos.

Poxa, e tem como não sentir? Tudo o que eu podia fazer pra ajudar eu fazia. Sempre, sempre, sempre. Depois de um tempo na recepção eu já tinha até confiança pra desobedecer ordens da minha gerente, sabe? Ela fazia reunião e dizia:

— Olha, pessoal, não tem encaixe pra exame, não dá pra marcar pelo telefone, não dá isso, não dá aquilo...

Eu só escutando... Aí paciente ligava e quem atendia? Eu.

— Cícera, perdi o dia do exame. Posso ir sem marcar?

— Pode. Venha e diga que falou comigo.

— Cícera, faltei na consulta. Tem um encaixe?

— Tem. Venha que eu dou um jeito.

Pra não dar muito ruim eu espalhava os encaixes ao longo da semana. Dois na segunda, um na terça, mais dois na quarta... A gerente vinha reclamar e eu dizia pra ela: “Olha, não vou deixar paciente nenhum na mão. Se você acha que não tá bom me tire da recepção, me tire do telefone, me dê outro serviço. Porque enquanto eu estiver nesse balcão ninguém vai sofrer mais do que já sofre”.

Ai, menino, sei lá de onde veio isso. Imagina! Aquela magrelinha cortadora de cana cantando de galo no SAE Fidelis. Não é que eu planejava, ou queria fazer pose. Não é isso. Era automático. Do instinto da gente. Eu nunca conseguia não me colocar no lugar dos pacientes. “E se fosse eu? Como eu estaria me sentindo?”, eu me perguntava essas coisas. E se a pessoa sente dor, se sente desamparada, aflita, eu acabo que me sinto igual e quero ajudar. Porque, vou te dizer, serviço de saúde não é igual banco, onde o caixa nem olha pra cara de quem tá na fila e só vai gritando “Próximo! Próximo!”. Ai, eu odeio esse “Próximo!”. Tenho horror.

É o tipo de coisa que a gente nem sabe como aprende, né? Será que aprende? Ou nasce sabendo? Mês passado eu tirei férias e viajei pra minha terra. Encontrei as minhas melhores amigas, a Luzia e a Creuza, que nunca saíram de lá. Elas estavam voltando da roça, de chapéu, manga comprida e a bolsa da marmita. Olhei pra elas e tentei imaginar o que teria sido se eu tivesse ficado. Não dá pra saber. Acho que eu estaria na roça com elas. E aí teria menos oportunidade de ajudar quem precisa. Mas seria a mesma Cícera. Talvez, como a Luzia e a Creuza, só não tivesse aprendido que essa coisa de se pôr no lugar dos outros, sentir a dor deles, que na cidade grande tem até nome pra isso. Empatia, né? A Luzia e a Creuza não sabem o que é empatia. Mas praticam todo santo dia.

O que eu acho que mais mudou nesse tempo todo que eu tô aqui?

Ai, menino, acho que as filas pra fazer exame de HIV. Antes, formava fila depois do Carnaval e dos feriados prolongados. Hoje tem fila todo dia. Sinal de que o pessoal não tá usando camisinha, né? A gente tem aberto uma média de cinco prontuários novos por dia. É muita coisa. E olha que a gente faz campanha em escola, em boate, bar, festas, na avenida em que as meninas profissionais do sexo ficam. Tem distribuição de preservativo masculino, feminino, gel. Tem muita conversa sobre prevenção, exame, tratamento. Nas filas a maioria agora é gente jovem. Mas tem idoso também, viu. Senhorzinho e senhorinha vão pro forró e não se cuidam. A dona Margarida*, que faz tratamento aqui, tá com 82 anos, pra você ter uma ideia. O prontuário dela é de 2013, número 8.692*. Ela vem todo mês com a filha buscar o medicamento dela.

Eu faço o que eu posso. Às vezes até o que eu não posso, como te contei. Mas sempre querendo ajudar, né? Tenho muita gratidão pela vida que levei aqui. A pessoa que eu me tornei. Hoje não tô mais na recepção. Mudei pro setor administrativo, pro RH. Mas os pacientes não esquecem de mim. Pra você ver, na véspera do último Natal, a Sônia*, uma paciente antiga, prontuário 315*, me trouxe uma canequinha cheia de bombons e aí aquele negócio: correria de fim de ano, só agradeci, a gente conversou um pouco, mas deixei pra abrir em casa. Quando abri, menino!, tirei o lacinho do embrulho e tinha uma cartinha da Sônia dentro. Dizia assim:

— Oi, Cícera. Você é tão especial para mim. Porque é você que me faz ter coragem de vir aqui, voltar sempre, e nunca desistir. Desde o começo, sempre foi muito difícil vir. E continua sendo. Até hoje, quando eu pego o meu cartão e vejo que é dia de consulta, me dá um nó, um aperto no peito. É sempre um processo doloroso e eu não me acostumo. Mas aí eu penso em você e falo pra mim mesma: “Se arruma e vai,

porque a Cícera está lá te esperando com um sorriso, uma palavra, um gesto". Aí eu esqueço um pouco da minha condição e venho. É por isso que eu estou viva. Muito obrigada, Cícera.

Ai, menino, tem condição?! Ara! Como é que você acha que eu me senti? Igual cê tá se sentindo agora. E não adianta querer disfarçar, que eu tô vendo nos seus olhos.



Cícera Maria de Macedo,
52 anos, assistente operacional do SAE
Fidélis Ribeiro, zona leste de São Paulo

(*) Os nomes e os números de prontuário foram alterados para manter a privacidade dos pacientes.



UMA LONGA VIAGEM
DE QUATRO ANOS
PELO BRASIL E
POR MIM MESMA

A ATERRISSAGEM DE MARCIA

Capítulo 3

Sonhei de novo com avião caindo. Sonho direto. Ele sobe, sobe muito, e por mais que suba, não pousa nunca. Explode, cai, toda vez. Não sei. Péra, antes de a gente continuar eu preciso te perguntar uma coisa: posso tirar a máscara? Claro, pode manter a sua. Mas você não se vacinou? Ah, as sequelas, entendi. Verdade, ainda não estudaram direito. Eu tomei a terceira dose, mas, olha, já sou tão sequelada, que Covid pra mim... Sério. Eu fumei pedra durante anos. Viva? Será que estou viva? Não sei.

Vamos continuar. Daí, vindo pra cá pensando no sonho com avião caindo eu lembrei que meu sonho de criança era justamente ser piloto de avião. Evidente que ele não vai se realizar, né? Tô achando melhor eu levar tudo isso pra terapia. Tem dois anos que comecei a fazer. Quando cheguei aos 30, decidi cuidar mais do corpo e da mente, porque do espírito eu tinha começado antes, num terreiro em Salvador que conheci por acaso. Bom, você já notou que vou emendando um assunto no outro sem parar, tipo vôo direto sem escalas. Eu sou assim mesmo, minha vida é assim: ir. Eu tô sempre indo. Vai ver eu preciso ir — com essa intensidade toda — antes que o avião caia. Será? A terapeuta vai saber. Ai, espero que ela saiba.

Então... Em 2018, depois de 12 anos, eu resolvi parar de cheirar. Foi num fim de semana que eu tinha ido pro Rio de Janeiro encontrar uns amigos. Estávamos no Complexo do Alemão na noite do sábado e o plano era ir à praia do Recreio no domingo de manhã. Acordei com o maior bate-boca. Todo mundo na casa discutindo, quebrando o pau. Eles tinham virado a noite cheirando e àquela altura ninguém mais sabia o motivo da discussão. Achei a cena tão ridícula, tão ridícula. Me bateu uma tristeza profunda. Vi que o domingo estava perdido. Eu tinha ido lá ficar com pessoas que eu gosto, curtir a praia com elas, respirar um pouco. E a galera estragando o rolê porque passou a noite cheirando. “Querem saber? Vendo vocês aí nessa situação me dá até vontade de parar de cheirar.”

Juntei minhas coisas e vim embora, decidida a fazer isso mesmo.

Você não faz ideia. Dói. Muita dor muscular. Muita. O corpo inteiro. Eu tomava ibuprofeno, suco de maracujá e fumava maconha pra dar conta da abstinência. Na época eu trabalhava aqui, como jovem monitora do Centro Cultural Grajaú e dizia pra minha chefe: “Elaine, tô parando de cheirar, então preciso fumar. Eu não vou largar o trabalho, não vou pra clínica, mas vou ficar fumando muita maconha, senão não aguento”. A Elaine segurou o meu reggae aqui. Ela é demais. Então, eu já tinha parado com o craque e com a bebida. Aí fiquei nove meses longe da cocaína. Mas o longe nunca é tão longe assim. Descobri que uma pessoa querida tava cheirando. Fiquei com tanta raiva, tão decepcionada, que falei pra ela: “Você quer cheirar? Então vou te mostrar como é que se cheira”. Na mesma época eu tinha conhecido um cara, a gente se apaixonou e ele veio morar comigo. Pelo que eu soube, ele era do PCC, os caras descobriram, bateram nele, me ameaçaram de morte e a gente teve que se separar, nunca mais se viu. Eu, que já tinha voltado a cheirar, voltei a beber também. Porque não era mais sobre essas duas pessoas, né? Era sobre mim. Então me joguei de novo.

Como fica a consciência política cheirando o tempo todo? Hum, deixa eu pensar. Bom, quando você é LGBT desde criança... E eu soube muito cedo que não era hétero, gostava de ser feminina. Então ali eu já tinha consciência política de algo. E isso não se perde. Além disso, dos 6 aos 12 anos eu vivi com meus avós maternos num assentamento do MST, no Pontal do Paranapanema. Tenho muitas memórias de lá, nenhuma ruim. Acordar bem cedo, ver o horizonte, andar de bicicleta com liberdade, tomar banho de rio, sem poluição, sem trânsito. Aprendi na prática que uma outra organização social é possível. Um outro jeito de viver, uma alternativa a esse capitalismo urbano que esmaga as pessoas.

Um dia, em Sandovalina, numa festa junina perto do assentamento, eu vi uma travesti pela primeira vez. Era um bicha bem alta sentada no colo de um bofe. Ela estava muito à vontade e eu fiquei impressionada. “Gente, que maravilha essa bicha!”. Eu tinha 11 anos. Num outro dia, no assentamento, meus tios mostraram uma filmagem que tinham feito da gente, as crianças, eu, minha irmã, primos. Fiquei chocada, triste e preocupada, tudo. Ali uma ficha importante caiu. Eu era muuuito feminina! Pra mim tudo bem, eu já sabia, mas me vendo na televisão me ocorreu que era daquele jeito que as pessoas me viam também. E aí não podia ser assim. Tinha que ser assado, porque eu era um homem. Acabou que comecei a me esconder — dos outros, do mundo, de mim mesma. E só fui me achar anos depois, indo. Uma longa viagem de quatro anos pelo Brasil e por mim mesma. Mas péra que o vôo chega a essa parte já, já.

Na sexta série eu voltei pra São Paulo. Fui morar com a minha mãe, em Parelheiros. Na escola, mesmo retraída, CDF, focada nos estudos, e eu não tinha nada a ver com essa pessoa expansiva que sou hoje, mesmo assim os meninos me zoavam. “Viado, viadinho”. E foi piorando. Tentaram me atropelar, depois me apedrejaram. Até que fui à primeira Parada Gay com a minha irmã mais velha. Quando voltamos pra casa, ela anunciou: “Eu sou sapatona”. Minha mãe nem falou com ela, veio direto no meu quarto, entrou gritando: “E você é o quê?!”. Eu não sabia o que responder, porque eu não sabia o que eu era. Minha irmã respondeu por mim: “O que você acha que ele é? Ele é gay”. Meu padrasto, um canalha hipócrita que abusava da minha irmã mais nova, ficou putado da vida. Eu via nos olhos dele o ódio, a vontade de me bater. Até que na semana seguinte ele realizou. Eu estava de saída, ele perguntou aonde eu ia. “Vou encontrar o fulano”, que era um namoradinho. Ele me deu um soco no braço, buf!, que me derrubou: “Não vai”. Minha mãe ali parada, não me protegeu, nem me ajudou a levantar. Eu saí e fui. O fulano namoradinho não apareceu, mas fui indo, indo, indo, mais socos, mais quedas, até que cheguei à cocaína.

Mas cheguei à faculdade de jornalismo também. E lá eu conheci a Zaíra, uma estudante negra, lésbica, feminista. Eu, muito bicha do interior, nunca tinha conversado com uma pessoa como ela. Fiquei tão impressionada, tão impressionada! Como no dia em que vi a travesti em Sandovalina. Só que a Zaíra tinha revolta dentro dela. Uma força, uma beleza. Por causa dela eu mergulhei nos estudos de sexualidade e gênero. Aprendi a ter a minha identidade e não deixar ninguém questionar isso. A Zaíra Pires é foda. A gente fazia todos os trabalhos juntas, sempre com a temática LGBT ou negra. Um dia um professor perguntou:

- Vocês vão fazer trabalho só com esses assuntos?
- Sim, vamos.
- Por quê?
- Porque ninguém mais faz.

Caramba, lembrando agora da Zaíra, daqueles dias de descoberta na faculdade, eu penso de novo nos meus sonhos com avião. Que coisa! Vai ver o sonho de criança era ser piloto de avião de guerra. Porque eu tô em guerra, sei disso. Uma batalha longa, sangrenta, pelo meu direito de existir. E o sistema querendo me explodir, me derrubar. Vixe, a minha terapeuta vai ter trabalho na próxima sessão. Ela que me aguarde.

Mas digamos que em armas só peguei nos protestos de julho de 2013. Eu ia pras manifestações e quebrava tudo, black bloc 100%. Foi quando conheci uma galera anarquista e aí sim rolou uma explosão de verdade. Dentro da minha cabeça. Eu tinha 23 anos e tudo começou a fazer sentido. Tomei a minha história pra mim. Passei um tempo na Aldeia Maracanã, no Rio, depois fui a Contagem, em Minas, num festival anarcopunk, e lá me chamaram de Márcia pela primeira vez. Até então eu era o Márcio, nome que me deram quando eu nasci. Só que nunca fui Márcio. Comecei a

circular com esse pessoal, o Coletivo Coiote. A gente trabalhava com pornterrorismo, ações artísticas questionando tudo: a igreja, o capitalismo, a família, o Estado. Eram práticas bem radicais, mas não tão radicais quanto às dessas instituições. E me apropriar dessa radicalidade salvou a minha vida, porque foi nessa época que iniciei minha transição, me assumi como travesti e fui cuidar de mim.

De 2013 a 2017 eu fiquei na estrada. Fui até Natal e até Montevidéu. Indo, indo, indo... Quanto mais eu ia, menos eu chegava e mais eu me encontrava. Quanto mais me afastava, mais perto de mim eu ficava. Pelo caminho abandonei algumas coisas que me impuseram, desapeguei, fui largando pra poder ser. Lia muito, me informava sobre cultura queer, gênero, sexualidade, ocupação de espaços autogestionados, novas formas de viver, de se organizar em sociedade. Nesses quatro anos, a Márcia ganhou corpo, literalmente inclusive, porque fiz tratamento hormonal pelo SUS. A Márcia começou a existir e a resistir. Ou resistir pra existir. Eu rodei o país de carona, pegando comida do lixo, pedindo, mendigando, fazendo malabares em farol. Eu não estava mais inserida no contexto do capitalismo urbano. Não vivia mais na base do dinheiro. Meu lugar era o movimento, a transformação. Eu também não queria estabelecer diálogo com as instituições: a família, o emprego, a polícia. Eu só tinha conversa, e raramente, com a saúde pública, por viver com HIV.

Enfim, eu tô diferente hoje. Mudei muito. E agora tô buscando ficar bem. O que falta? Não falta nada. Sobra. Sobra vida, beleza. Só que eu vivo nesse sistema perverso e ele não me deixa ser. É difícil pilotar meu avião dentro da tempestade sabendo da força que eu tenho, do ódio que eu sinto, o rancor, a revolta. Quem vive no capitalismo e não sente raiva está sedado ou morto. As pessoas nem sabem que podem ter essa raiva, que ela é legítima, é disso que estou falando. E olha que o tempo todo eu vasculho os meus privilégios. Eu moro na periferia zona sul, mas sou branca. Sou

travesti, mas tenho faculdade. O capitalismo se estrutura na branquitude: numa organização social baseada no sequestro, no tráfico, na exploração, na tortura e no assassinato de pessoas pretas. E essa estrutura é reproduzida todos os dias, na polícia, na justiça, na escola, na política, nas mansões, nas favelas, nas fábricas. É infernal.

Não, não acho que o capitalismo está mais radical. Ele está mais atualizado. E nos movimentos sociais essa atualização demora, porque a gente se conecta pelo afeto, não pela grana. Olha uma coisa: eu não queria estar aqui falando com você nessa tarde de sol. Eu queria estar tomando banho de rio. Só que um dia tiveram a ideia de enterrar os rios da cidade de São Paulo pra fazer avenidas pra vender carros. Entendeu?

Mas eu vejo sinais de mudança o tempo todo. Em 2019 eu idealizei a Travas da Sul, uma coletiva criada por e para pessoas LGBT de Grajaú, Parelheiros e região. A gente organiza ações de cultura, saúde, educação, economia colaborativa. A intenção é fazer as pessoas vibrarem. Apenas vibrarem, pra então ganharem autonomia, coragem, força para a transformação. Um dia trouxemos pro nosso sarau de poesia a Erika Malunguinho, a primeira mulher trans eleita deputada estadual em São Paulo. Foi lindo. Quando acabou a fala da Erika, a Cauane, apresentadora do sarau, veio falar comigo. A Cauane é travesti também e só tinha trabalhado como profissional do sexo. Hoje é a nossa apresentadora. Nesse dia ela me chamou de canto e falou: “Márcia, eu quero voltar a estudar, você me ajuda?”. A gente chorou juntas, abraçadas.

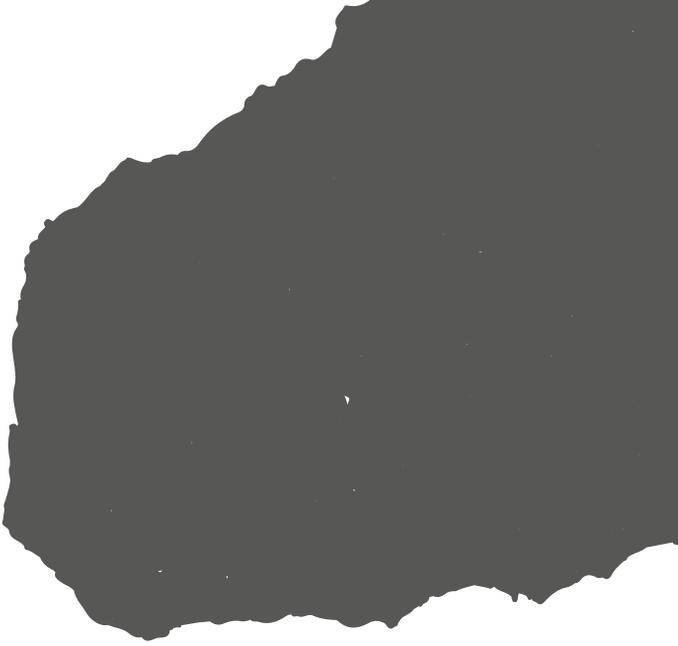
Outra mudança, essa mais radical: minha ex-sogra, que pode ser atual sogra de novo, não sei, o bofe tá vindo aí pra gente conversar. Quando comecei a namorar com o filho dela, ela ficou transtornada, foi terrível. A ponto de dizer pra ele: “Você deixou aquele viado encostar na minha louça”.

Eu não me abalei, não. Fui querer ajudar, lavei um monte de louça pra ela, que nem era louça, era tudo pote de plástico, e ela veio com essa.

Assim: o meu namorado, quer dizer, ex que pode voltar a ser atual, cheirava muito. E uma condição que eu coloquei pra gente ficar junto foi que ele parasse. Dia desses fui lá. Ele saiu pra comprar cerveja, a sogra sentou do meu lado. “Marcia, eu queria te pedir uma coisa.” Eu tinha certeza que ela ia me pedir uma cesta básica, que eu distribuo pras trans aqui na quebrada. Ela queria pedir uma e estava com vergonha, pensei. Mas não. “Eu queria te pedir desculpa. Você me perdoa por tudo o que eu te falei, meus comentários? Hoje eu vejo que você é uma pessoa boa, vejo como meu filho gosta de você e como ele está feliz”. Eu desmontei como tô desmontada aqui de novo. Chorei horrores. Pedir desculpas por ter sido transfóbica não é uma coisa fácil. Por livre e espontânea vontade? Eu nunca tinha visto. Por isso eu digo: dá pra mudar, sim. Pessoas como a minha ex-futura-atual-sei-lá sogra precisam ver que não sou eu a ameaça, não sou eu que tiro os amores, os ódios e a beleza da vida dela. Ela viu. Demorou um pouco, mas viu.

E eu quero que mais gente veja. Agora resolvi construir uma casa pra mim em Parelheiros. Lá onde me jogaram pedra e tentaram me atropelar. De certa maneira, o piloto do avião tá voltando pro aeroporto de partida, né? Se vai aterrissar pra sempre, não sei. Dificilmente. Mas, por ora, vai desembarcar lá. Com calma, sem explodir, sem cair, pra ver o que dá. Por que lá? Pelo mesmo motivo que você está vestindo essa camisa de golinha com botões. Porque você quer, porque você pode, porque você tá a fim. Eu estou construindo em Parelheiros porque eu quero, porque eu posso, porque eu tô a fim. É uma escolha. O território ali tem muitas vulnerabilidades. E eu sei da minha potência. Eu não sou mais o viadinho que quase foi morto sem reagir, sem enfiar a mão na cara de alguém.

Eu sei que, depois de tanto ir, ir, ir, eu consigo chegar e as pessoas que não me deixavam existir vão olhar pra mim, com o olho deste tamanho, e dizer: “Nossa! Olha só a Márcia!” Então, um dia eu vou à escola dar palestra pros filhos delas. Vou falar de HIV, prevenção, sexualidade, gênero e vou fazer todo mundo vibrar. Vou fazer isso porque eu posso, porque eu tô a fim. Como todo restante da humanidade, eu também encarnei nesse planeta. Eu também sou daqui e existo. Aprendam de uma vez. Ou se joguem no chão e me deixem passar.



Marcia Marci,

32 anos, ativista sócio-cultural, idealizadora da coletiva Travas da Sul e articuladora de prevenção da Coordenadoria IST/Aids da Secretaria Municipal de Saúde. Vive e atua no Grajaú, zona sul de São Paulo



FIQUEI APAVORADO
POR NÃO SABER
O QUE FAZER

O PEITO ABERTO DE PAI JAIR

Capítulo 4

A minha casa é a última de São Paulo, venha ver. Deste lado, Cidade Tiradentes. Atravessando a rua, Ferraz de Vasconcelos, outro município. Em 1984, quando cheguei, vindo da Penha, a gente olhava ali e era uma floresta. Mata Sete Cruzes. Tinha nascente, riacho, cachoeira, árvores, folhas, uma coisa linda. Eu, de Oxóssi, menino!, o orixá da natureza e do conhecimento, com uma floresta no quintal, você imagina! Mas não sobrou nada. As ocupações foram chegando, as árvores foram sendo serradas, as nascentes aterradas, a mata foi deixando de ser de todos... e acabou. Hoje se eu quiser tirar o ebó de um filho, fazer uma oferenda, preciso ir pra Arujá, Nazaré Paulista, São Bernardo do Campo. Longe.

Mudou muito. Eu mudei também. Mas certas coisas voltam, ou se repetem de outro jeito. Dia desses, da janela eu olhava pra onde ficava a mata e comparava os tempos. A pandemia de Covid nos tirou uma das coisas mais importantes do candomblé: o abraço. O nosso abraço é aquele que envolve mesmo, sabe?, com os dois braços, junta pra valer, que é pra sentir o coração do outro bater. Aí, divagando sobre isso, eu fui parar naqueles dias passados em que ainda existia a floresta e os abraços também ficaram suspensos. Eram os anos 1990 e muita gente dos terreiros tombou por causa da Aids. Claro que daquela vez a suspensão dos abraços não aconteceu por necessidade sanitária. Foi pelo acirramento dos flagelos que fustigam as religiões afro-brasileiras desde sempre: o preconceito, a intolerância e a falta de informação.

Em 1992 eu levei o primeiro sacode em relação a isso: perdi um filho de santo que era soropositivo. Fui com ele buscar o resultado do exame. A gente não sabia nada, nada, nada, nem como cuidar. De cara a mãe da moça com quem ele morava pôs ele pra fora de casa: “Você não vai usar o nosso banheiro, eu tenho um neto, não, não e não, não quero mais você aqui”. Eu o acolhi no terreiro. Um sofrimento enorme, em 40 dias ele se foi. Fiquei apavorado por

não saber o que fazer. Como procedo os nossos rituais fúnebres? Posso pôr a mão? Posso despachar os pertences dele? Fui pedir ajuda a uma senhora no hospital, uma assistente social. Ela me explicou um pouco sobre HIV e Aids, eu me interessei, busquei mais informações e levei o segundo sacode: entendi que dali pra frente o caminho ia ser de ribanceira dos dois lados, porque passaria pelas tradições ancestrais de uma religião iniciática — e, inclusive por isso, já bastante marginalizada.

Pensa. Anos 90. Aids era a “doença dos gays”, “dos macacos”, “da África”. E no candomblé a gente não fecha as portas pra ninguém. O pessoal diz “ah, o terreiro tá cheio de mulher separada, homossexual e gente do crime”. Tá mesmo. A gente não expulsa, não condena, não castiga e não põe a culpa no demônio. Também não passa a mão na cabeça de quem erra, mas acolhe e tenta ajudar. Então, se aos olhos de muita gente nós já éramos “aqueles pretos macumbeiros que abrigam os viados”, passaríamos a ser “aqueles pretos macumbeiros que espalham o HIV”. Falando de outro jeito: atravessado pela intolerância religiosa, pelo racismo e pela homofobia, o povo do candomblé ganhava mais um estigma.

Terrível, menino. Terrível.

Mas vamos tomar um café. Vem, passou agora, tá fresquinho. Só ponha um pouco de açúcar, porque de amargo basta o que eu tenho pra te contar.

Veja, a nossa cerimônia para fechar o corpo, ou abrir kura, por exemplo. Na Sexta-feira Santa vêm todos os filhos do terreiro. De roupa branca, eles põem um trocadinho na peneira de búzios e o pai de santo abre as kuras, que são pequenos cortes na pele. Podem ser três, cinco, sete, no peito, na cabeça, no braço, na perna, varia conforme a nação. Esses pequenos cortes se tornarão cicatrizes sagradas, protegendo, de-

finindo a identidade cultural do yaô e a ligação dele com o orixá. E àquela altura, pela tradição, como a gente fazia esses cortes? Com uma navalha. Uma única navalha para todos. A navalha que o pai de santo recebeu quando, digamos assim, “foi ordenado”, quando tomou obrigação de sete anos e se tornou pai de santo. Um instrumento de muito significado que ele usaria ao longo da vida.

Mas aí como é que faz? Não faz. Tem que mudar. Como mudar? No começo, os babalorixás e ialorixás mais antigos não aceitavam. De um lado a gente tinha a tradição muito forte, que era o costume ritualístico da religião e também uma afirmação, uma resistência contra os ataques que sempre sofremos. De outro, um vírus novo, letal, levando muita gente do candomblé. Em 1995, o meu pai de santo morreu de Aids, foi outro golpe duro pra mim. Ele escondeu por cinco anos, temia que os yaôs fossem embora. “Ah, não vou mais tomar obrigação com ele, porque ele vai morrer”. As coisas só pioravam. Até que, por fim, depois de muita discussão e conversa pelo país todo, a navalha foi substituída pelo navalhete, que usa lâmina descartável. Mas era só o começo da mudança.

Havia muita desinformação ainda. Se a gente sentia uma queda de pressão, uma dor de cabeça, qualquer coisinha, e procurava o serviço de saúde, era complicado. Dependendo de quem estivesse no balcão, era automático: o meu fio de conta, meu contregum, meu pano na cabeça, minhas roupas significavam resultado positivo pra HIV. Aqueles olhares quando entrávamos no posto de saúde... Não queriam nos atender, não queriam a gente ali. Ainda hoje tem pessoas do terreiro que são soropositivas e preferem buscar a medicação em Guaianases, em outros bairros vizinhos, pra não serem apontadas na rua por aqui. Você imagina o cenário 30 anos atrás. Um de meus filhos de santo tinha problema de varizes, que às vezes estouravam, sangravam. Ele mal entrava no hospital e todo mundo corria pra

vestir as luvas. Estavam certíssimos, claro. Mas nunca lembravam de usar luvas quando chegava um assaltante baleado.

Aonde aquilo ia parar? A gente precisava fazer alguma coisa. Então, em 2007 nós começamos um projeto transformador, o Xirê. Começamos pelo meu terreiro e, se funcionasse, multiplicaria. Tem funcionado. A ideia era coordenar ações de promoção de saúde e prevenção ao HIV, à Aids e a outras ISTs dentro dos terreiros, colocando os pais de santo e o serviço de saúde pra conversar e trabalhar juntos. Sem jamais desconsiderar as tradições das religiões afro-brasileiras, mas, ao contrário, se valer delas, dos nossos costumes, nosso vocabulário, nossas festas, nossos rituais, para romper a discriminação e a intolerância, conter aquela tragédia e ampliar o acesso de toda a comunidade à saúde pública. Tanto que até bloco de carnaval nós fizemos. É o Afoxé Ilê Axé Omo Odé. Abrimos os desfiles das escolas de samba no Anhembi e no Butantã. E nossa marca registrada, vamos dizer, são os nossos estandartes, que simbolizam esse trabalho conjunto dos terreiros com o serviço de saúde pública. Tenho dois estandartes aqui, olha só. Este diz “Obaluaiye recomenda: use sempre camisinha”. Obaluaiye, o orixá da saúde e da cura. Este outro, ó, com Oxum, a rainha da água doce, dona dos rios e cachoeiras e símbolo da sabedoria e do poder feminino: “Mamãe, faça sempre o teste de sífilis no pré-natal”. Bonito, não é? Eu acho o máximo.

Mas o processo não foi fácil não. No começo teve estranhamento dos dois lados. Aos sábados fazíamos reuniões com profissionais de saúde, moradores do bairro, pais e filhos de santo. Num dos primeiros encontros veio uma infectologista meio amedrontada que nunca tinha entrado num terreiro. Ela achou que chegaria aqui e encontraria um cabrito preto todo ensanguentado na porta. A gente via o desconforto dela. Na segunda reunião nós fizemos um sambinha de roda, ela foi conhecendo um pouquinho

do candomblé e ficando mais à vontade. Um tabu tinha sido desconstruído! Eu olhava e pensava: “Okê Arô! Esse Xirê vai dar certo!”

Mas eu também precisei ceder, me desconstruir um pouco. Porque, quando o projeto começou, a primeira coisa que eu disse foi: “Camisinha no meu terreiro nem pensar! De jeito nenhum”. Pra você ver... Eu achava que ficaríamos mais malvistas, que as pessoas entrariam aqui pegariam uma camisinha e iriam direto pro banheiro transar. Eu falava assim: “Ué, em igreja não tem display de preservativo, por que no terreiro tem que ter? Logo, logo vão dizer ‘olha lá os pretos macumbeiros que incentivam todo mundo a fazer sexo’. Tudo bem que pra gente no candomblé sexo é vida, não é pecado, mas eu não queria mais um estigma na coleção.

Aí fomos conversando, muita roda de conversa, muito diálogo e eu entendi que era fundamental oferecer camisinhas aqui. Pra quem frequenta o terreiro, pros vizinhos, pros coletores de lixo, os entregadores de gás, os fiéis da igreja evangélica da rua, pra toda a comunidade. Hoje os meninos e as meninas entram e pegam um monte. Dizem que o lubrificante do preservativo é bom pra limpar o tênis, dá um brilho bonito. Eu acho ótimo. Assim eles vão tendo contato com a camisinha, vão tendo acesso, se familiarizando. Um dia levam pra dar brilho no tênis, no outro pinta um clima, a gente nunca sabe... pronto, podem transar com segurança. Parece pouca coisa, mas não é. Eu circulo, falo com muita gente, e sei de festas em que a rapaziada compete pra ver quem transa mais numa noite. Meninos e meninas sem proteção nenhuma. Eu posso deixar pra lá? Eu posso deixar aqueles corpos se destruírem sem fazer nada? De jeito nenhum. No candomblé, outra coisa de muito valor além do abraço é o entendimento de que o corpo é um templo. Eu sempre falo no Xirê e nas cerimônias: “Queridos e queridas, seu corpo é seu templo. Zele por ele”.

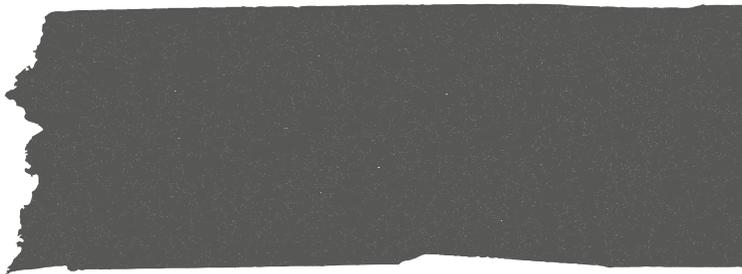
E assim fomos indo, conduzindo as coisas por uma estrada que não fosse margeada por abismos tão profundos. Ainda assim, passamos por solavancos, porque há buracos, pedras. O importante é saber contornar. Quer ver uma coisa? Chegou um momento em que eu precisei pensar em como encaixar os nossos rituais e cerimônias na realidade de uma pessoa que vive com HIV. Porque é assim: quando um yaô está recolhido para fazer sua iniciação, ele toma banho frio, dorme numa esteira no chão e não usa meias ou sapatos. Mas e se esse filho for HIV positivo? Vou expô-lo 20 dias à friagem e ao risco de contrair uma pneumonia? Como preservar a saúde desse filho sem comprometer os nossos costumes? Passamos a usar duas ou três esteiras, isso tudo bem. Mas e a água fria? Os próprios yaôs me perguntam “Pai Jair, o senhor não vai esquentar a água, né? Não pode”. Eu digo “Não é esquentar, vamos só dar uma quebradinha no gelo”. E vamos indo.

Outra coisa é a alimentação, que nesse período de recolhimento precisa ser totalmente sem sal. Comemos arroz, inhame, batata, ovo, peito de frango e peixe. Tudo sem sal. Mas quem vive com HIV precisa de uma comidinha balanceada, pra não se enfraquecer demais. Aí como eu convenço a yabassê, que é a pessoa específica que cuida da cozinha, a colocar uma pitada de sal na alimentação daquele filho e sem explicar o motivo? Bom, com conversa, com jeitinho. Eu fico rodeando a yabassê: “Olha, a energia do fulano deu uma caída, vamos pôr uma pitada de sal na comida dele só hoje? Só hoje”. No dia seguinte eu peço de novo.

A gente ri, mas as tradições são importantes, elas nos dão lastro. Qualquer mudança é difícil. Tudo no candomblé é passado de geração pra geração. Não tem uma bíblia em que as coisas estão escritas e podem ser interpretadas desse modo ou daquele. Então, eu acho que ao repensar, fazer concessões e adaptações a gente tá fortalecendo o candomblé. Estamos nessa caminhada. Há mais assuntos pros quais a gente precisa olhar

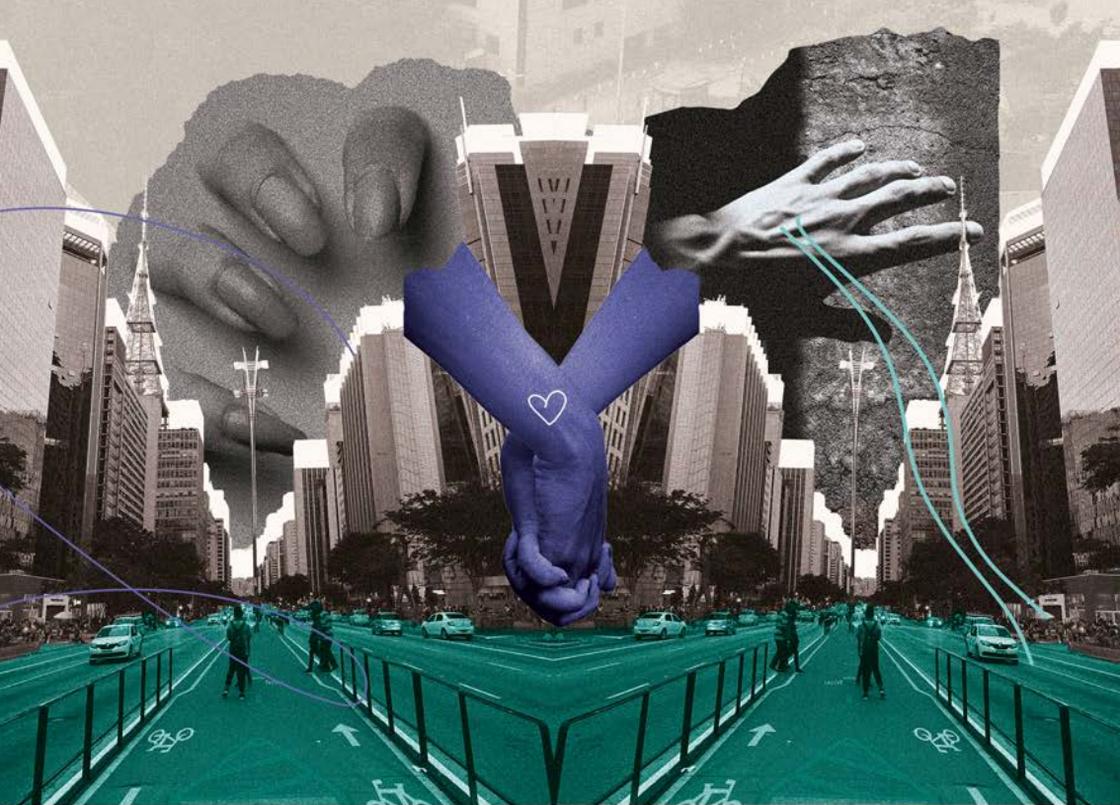
hoje. E eu tenho uma porção de perguntas. Por exemplo: no terreiro, mulher não toca atabaque, os ogans são homens. Mas como ficam os homens trans? Podem tocar? As ekedis são sempre mulheres, que dançam com os orixás e zelam por eles. E se for mulher trans, travesti?

Então, tem muita coisa pra se pensar e conversar ainda. Da minha parte, estou sempre pronto pro diálogo, pra correr atrás e ajudar. Tenho bastante energia. Minha mãe viveu até os 98. Eu tô beirando os 70 e ando tudo por aí, corro, distribuo leite, cestas básicas, aqui ofereço cursos de cabeleireiro, pedreiro, assentador de azulejo, temos uma padaria comunitária, sou do Conselho Tutelar e ainda me sobra muito fôlego. Subo em árvore como nos tempos de menino. E podem sacudir à vontade, viu. Sou de Oxóssi, menino. Não me derrubam não.



Pai Jair de Odé,

68 anos, do terreiro Ilê Axé Omo Odé, em Cidade Tiradentes,
e liderança religiosa e comunitária com mais de 40 anos
de atuação na zona leste da cidade



AS NOSSAS UNHAS
PINTADAS SÃO UMA
MANEIRA DE A GENTE
OCUPAR ESPAÇOS

A RESISTÊNCIA AMOROSA DE FLIP E GIL

Capítulo 5

— **N**ossas unhas pintadas? Um discurso? Uma declaração? Não tinha pensado nisso. É mais por gosto mesmo. Na pandemia de Covid a gente resolveu ter mais esse autocuidado e passou a pintar toda semana. Azul, laranja, cores fortes. Fica bonito. Mas, agora que você trouxe esse outro olhar, bem que pode ser uma declaração, sim. Nossas unhas como política. Um símbolo da nossa desconstrução, da reconstrução, da resistência, do encontro, do carinho, desse processo todo que tornou a gente um casal. Mas, péra, deixa eu te apresentar o Gil. Esse é o Gil, meu marido. Tava ouvindo, amor? A gente conversando sobre unhas pintadas? O que você acha disso tudo? Enquanto você fala, eu vou passar um café pra gente.

— Oi, tudo bem?, eu sou o Gil. Ih, eu falo mais que o Flip, hein! Já vou falando o que eu acho, sim, porque estou escrevendo a minha história, quem sabe um livro, e falar ajuda a organizar as ideias. Sabe o que eu penso? As nossas unhas pintadas são uma maneira de a gente ocupar espaços. Claro que elas carregam esse lado político. Estética é política! Só que, mais do que um símbolo, eu acho que elas são o resultado da nossa transformação. Uma transformação de anos, pra finalmente sermos nós mesmos, o que parece meio maluco, não é?, se transformar pra ser você mesmo? Mas foi isso. Transformação para a liberdade, a busca pela nossa essência. Começou individualmente. Eu no meu quadrado, o Flip no dele. Mas se realizou quando a gente passou a dividir a vida. Vou contar uma história pra você entender melhor. Eu sou de João Pessoa, Paraíba. De uma família matriarcal. Em todos os assuntos da casa, era da minha mãe a última palavra. Um dia, quando eu tinha 14 anos, o meu irmão chegou nervoso porque na rua estavam comentando sobre mim, falando que eu era gay. Minha mãe me colocou na parede e perguntou. “Sim, eu sou gay”, respondi. Ela disse “Então tá bom: você não demonstre, não conte a ninguém, não se exponha, seja discreto, porque já está fazendo a família sofrer”. Entendeu? Mesmo não tendo dúvida de quem eu era, eu passaria os 40 anos seguintes nesse lugar de negociar a minha exis-

tência. Um prisioneiro do meu não-eu. Até que um belo dia eu vi o Flip no Aparelha Luzia, um centro cultural da negritude em São Paulo, e...

— Olha o café. Você toma com açúcar, puro, adoçante? Da cozinha eu ouvia o Gil e pensava num lado curioso do início do nosso relacionamento. A gente não começou nesse autoconhecimento todo, né? Mas, antes, só pra encerrar o assunto unhas, eu queria dizer uma coisa. É bem legal, viu, pagar uma compra com cartão, digitar a senha na maquininha e esfregar a minha identidade na cara da sociedade homofóbica. Porque, ao contrário do Gil, a minha homossexualidade sempre foi “tolerada”, já que eu não tenho o estereótipo do gay. O Gil diz que foi uma criança viada. Eu não fui. Então, sempre usaram a minha masculinidade pra legitimar o preconceito. “Ah, tudo bem, você nem parece gay” ou “você é gay, mas não é bicha”. Então, hoje, se tem uma coisa que eu faço questão é de não ser confundido com hétero. Eu quero fugir dessa héterocisnormatividade. Ainda me considero cis, mas isso envolve muitas violências e estou no processo de expandir o conceito do que é ser homem. Enquanto isso, tão aqui minhas unhas azuis: não me confundam com hétero, que aí já é demais!

— Mas, amor, você ia falar do nosso começo de namoro. O que era?

— Que a gente se viu em 2017, naquele dia no Aparelha Luzia, mas nem se falou. Ficou seis meses se acompanhando pelo Instagram, por imagens. A gente pode até discutir a questão do mundo da fantasia das redes sociais, o lado superficial e pouco verdadeiro delas, mas pra gente funcionou de outro jeito. A gente foi se conhecendo por imagens. Eu via a figura do Gil, que já tinha me interessado ao vivo, via os rolês dele, os gostos musicais, artísticos, os amigos, as viagens, ele com a família dele no Natal e no Ano Novo, e sentia vontade de conhecer mais, de conversar. Eu morava em Santa Cecília e o Gil na Brigadeiro. Dava pra ir a pé se encontrar. Mesmo assim não rolou durante meio ano. A gente foi se conhecendo e se encantando um pelo outro sem se falar.

— Nesse período, o post do Flip que mais me encantou foi uma foto dele fumando maconha. Eu achei aquilo de um desprendimento... Eu estava num momento de me abrir para a consciência na negritude, na política. Fazia pós-graduação em história da arte explorando a estética e outros temas africanos, num processo de descoberta pessoal também. Eu olhava o Instagram do Flip e achava ele muito mais liberto de preconceitos, mais pleno do que eu. Tão mais tranquilo com as questões que eu ainda buscava curar em mim. Era como seu eu estivesse no caminho e o Flip já tivesse chegado lá. Ele não fingia, não escondia. Ele vivia. Fiquei fascinado. Queria conhecer mais aquele cara. Passei admirar, a sentir vontade de estar junto. Queria ter a força dele me dizendo que tudo ia ficar bem, como já tinha ficado pra ele.

— E eu, do meu lado, acho que, depois de tanto desprendimento, tanta soltura, tanto andar por aí, eu estava num momento de querer construir uma relação. De certa forma, estávamos nós dois num processo de liberdade. O meu talvez de pensar meus afetos de outra maneira. No começo, a gente conversava muito sobre amor livre, relacionamentos não monogâmicos, essa falta de afetividade radical. E tinha uma conexão forte entre a gente que se dava por meio dessas diferenças — o Gil tinha o que eu buscava e eu tinha o que ele buscava. As diferenças nos aproximavam e nos conduziam na direção das semelhanças. Um dia, quando uma fala nossa, ou algum gesto demonstrou o interesse de fazer sexo sem camisinha e eu falei que vivia com HIV, o Gil imediatamente disse: “Eu também”.

— Essa é outra radicalidade do Flip. Ele colocava nas redes sociais que vive com HIV. Eu já não tinha essa liberdade comigo. Era um segredo. Hoje eu consigo entender melhor a minha trajetória cheia de sombras nesse ponto. Vim pra São Paulo com 21 anos e já era profissional da área da beleza. Maquiagem, cabelo, salão, festas, casamentos. Mas eu vim pra ser quem eu era e minha mãe queria que eu fingisse não

ser. Desde o começo foi claro pra mim que, pra fazer a minha história, eu teria que ganhar o meu dinheiro, ter um compromisso forte com o trabalho. Eu achava que deveria conquistar mais instrumentos pra negociar melhor a minha existência. Uma violência que a sociedade nos impõem, claro, hoje eu me dou conta disso. Mas aí fiz supletivo e, depois, faculdade de artes cênicas. Foi então que comecei a ter um pouco mais de coragem, a compreender o significado de ser gay, bicha, preto e nordestino. Só que por causa do meu trabalho, de preparar noivas e madrinhas da sociedade branca paulistana, eu talvez tenha me perdido um pouco. A gente convive com essas pessoas e passa a acreditar que é da mesma classe social que elas. Come nos mesmos lugares, entra na casa delas, se veste como elas... Então, nesse mundo fantasioso, qual o lugar do HIV senão escondido, trancado a sete chaves? Foi só na faculdade que eu comecei a abrir os olhos pra essas questões. Mas quem iluminou de vez o caminho foi o Flip, muito tempo depois. Ele era politizado, seguro e trazia leveza pra lidar com o HIV, de a família dele saber, os amigos saberem. Eu vi aquilo e pensei: Esse cara já nasceu pronto!

— Quem dera. Meu processo foi difícil também. Vivi a descoberta da minha sexualidade dentro da cultura hip-hop na zona leste de São Paulo, onde eu nasci. Eu dançava, fazia festas black e acho que a minha imagem masculina me permitiu viver com a falsa sensação de tolerância nesse universo. Em 2009, pouco depois de receber meu diagnóstico de HIV positivo, eu fui morar na Alemanha, com meu namorado na época. Pela primeira vez eu saía do meu grupo de acolhimento, amigos, família. E não tinha SUS lá pra eu me tratar — Viva o SUS! Recorri à Caritas, que me encaminhou pra um médico que fazia estudos ainda, eu com uma amigdalite que não sarava nunca... Cheguei em Düsseldorf em janeiro e só pude começar a tratar o HIV em agosto. Eu já estava debilitado. Por mais que estivesse inserido num ambiente periférico, de imigrantes ára-

bes, latinos, negros, foi um período de extrema solidão. Muitas incertezas. Acho que isso até comprometeu a minha adesão ao tratamento do HIV, algo que eu só viria a resolver muito tempo depois, com a ajuda do Gil. Desde o começo ele cuidou de mim. Tá todo dia no me pé: “Já tomou o remédio? Não esquece de tomar o remédio. Olha o seu remédio”.

— Amor, conta também como foi que você tornou público o HIV. Como a arte te ajudou nisso. É um processo muito bonito.

— Sim. Em 2016 eu criei um espetáculo chamado Sangue, pra falar sobre identidades por meio da dança. Identidade positiva, identidade negra, raça, corpos negros, ocupação de espaços. Eu queria que fosse um manifesto, porque eu estava num processo de rompimentos. Tinha cansado de ser a bicha preta apenas tolerada. Essa tolerância é uma violência, porque impõe condições. Pesquisei muito, estudei a arte do oprimido, Paulo Freire, e desenvolvi esse meu primeiro trabalho autoral. Chamei um primo e um tio que são músicos pra participar. Já era tudo voltado para a exteriorização da minha condição de HIV positivo, um grito que eu queria dar contra os estigmas, mas eu não conseguia nem sequer contar pra eles. Então pensei num gran finale pra apresentação: eu furaria o meu dedo, passaria o sangue na minha roupa e diria umas palavras. Foi na passagem de palco que meu tio viu pela primeira vez e veio falar comigo: “Flip, aquela cena final é sobre você?” Eu senti um alívio... A gente se abraçou e chorou. Tinha chegado a minha trégua. Aí, à noite, a minha mãe, a minha tia, meus irmãos, todo mundo foi assistir e então eles ficaram sabendo também. Voltamos pra casa e aprofundamos o diálogo. Foi tão bom estar transparente, inteiro, não ter mais medo de nada, não ter que ficar me vigiando, fiscalizando o tempo todo. Viver mais pleno, inteiro, abriu outros caminhos pra mim. Possibilitou que eu encontrasse o Gil, não tenho dúvida disso. Que eu

estivesse pronto pra ele, pra viver meus afetos com a intensidade e a verdade que eu queria. Eu não estava mais a fim de ficar dando aula de dança pra adolescente branco de classe média. Eu não aguentava mais esse negócio de ser tolerado. Eu queria ter o direito de ser exaltado também, ter meus talentos valorizados, como muitas pessoas têm. Aí fui trabalhar produzindo festas, que se desdobraram em eventos, bate-papos, tudo sempre ligado à ocupação de espaços pelos corpos negros — no âmbito da saúde, inclusive: discutir por que os corpos negros são os mais vulneráveis ao HIV, por que precisamos de políticas públicas de saúde específicas para a mulher negra, pro jovem negro, pros gays negros. E foi num desses eventos, lá na Aparelha Luzia, que eu vi o Gil pela primeira vez.

— Lá se vão quatro anos. A gente pode pensar que coincidências não existem, mas o fato é que a nossa vida de casal vem desse processo mútuo de busca por liberdade. Um pouco mais do que isso: ela acontece justamente num momento em que estar junto, com companheirismo e amor, pode ser a salvação.

— Isso mesmo. Lembro que em 2018, quando saiu o resultado da eleição presidencial, nós ficamos atônitos. Qualquer pessoa bem informada sabia o que estava por vir, sobretudo pros corpos pretos, gays, trans, femininos, nordestinos, indígenas, etc. Então chegou uma hora que nós desligamos a televisão, apagamos todas as luzes do apartamento e, no nosso silêncio, decidimos que manteríamos aquela força que tinha nos aproximado. De qualquer jeito. Era assim que a gente ia atravessar a tempestade. Passamos pela pandemia, até nos casamos no meio dela, a gente foi no cartório e casou, e hoje até dá pra enxergar um céu mais bonito no horizonte. Nós sobrevivemos. Estamos aqui e aqui vamos ficar.



Flip Couto,
38 anos, artista multidisciplinar,
idealizador do Coletivo AMEM e diretor
executivo da Aliança Pró-Saúde da População Negra

Gil Oliveira,
50 anos, artista e visagista



**ENTENDI PORQUE
EU SOBREVIVI,
APESAR DE TUDO**

O NASCIMENTO DE ROSANA

Capítulo 6

Não sei se você já teve esse tipo de experiência. A gente diz que a ayahuasca é o vinho das almas, sabe? Uma coisa poderosa, emocionante e reveladora. Então nesse dia eu me preparei muito. Foquei no pouco que eu conhecia da minha história, pedi com toda a força: ai, meus deuses, me ajudem a descobrir algo que preencha esse monte de páginas em branco em mim. Foi aí que eu vi. Com toda a nitidez. A minha mãe me paria no topo de uma cachoeira. Minha avó estava com ela, ajudando como se fosse uma benzedeira, uma preta velha. Eu nascia adulta, grande, assim como sou hoje. Saía da barriga da minha mãe, me punha em pé e caminhava pelada mata adentro. Eu era forte, saudável, inteira.

O que eu concluí? Bom, que foi uma cura. A minha cura. Entendi porque eu sobrevivi, apesar de tudo. Mais até: aquela visão me sinalizou também que eu ia enfim começar a minha árvore genealógica, porque haveria um outro nascimento. Olha só o tamanho da minha barriga. Trinta e cinco semanas! Sim! Pouco depois daquilo eu engravidei. O meu bebê, ele está quase chegando, quaaaase, vai ser o primeiro ser da minha família biológica que eu vou conhecer. Meio louco isso, né? Eu te avisei que ia ser forte. E, olha, parece um contrassenso, mas o Elohim — esse é o nome do meu filho: Elohim — o Elohim chega trazendo com ele a minha ancestralidade. E é através dela que eu vou construir, ou reconstruir, o meu futuro.

Eu fui adotada muito pequena e não sei nada dos meus pais, se tive irmãs, tios, primos. Nada. Acho que comecei a saber um pouco agora, na gravidez. A minha mãe adotiva, quando me adotou, já era viúva e tinha três filhos biológicos. Além de mim, ela pegou mais três crianças pra criar. Eu era uma delas, uma bebezinha ainda. Sei disso porque tem uma foto minha bebê, uma única foto, que ela me mostrava. Mas a minha mãe nunca conversou comigo sobre as circunstâncias em que me adotou. Nunca mencionou os meus pais biológicos. Nem sequer me contou que eu era adotada. Ela já faleceu e jamais houve essa

conversa entre a gente. Eu só fui descobrir quando tinha uns 10 anos e lutava pra viver. É. Nas minhas memórias de infância não tem brincadeira na rua, boneca, bola, casinha, diversão, passeios. Não tem. Eu fecho os olhos e só lembro de médicos, hospitais, enfermeiras, psicólogas, remédios, injeções e uma menina desesperada pra não morrer, machucada por fora e por dentro. Eu nasci com HIV. Sou uma das pacientes mais antigas de transmissão vertical no país que continua viva. A taxa de mortalidade de bebês que adquirem o vírus na barriga da mãe era muito alta quando eu nasci e muitos da minha geração se foram. Faço 36 este ano. E não estou apenas viva, não. Eu estou nascendo.

Posso falar bem dessa sensação, porque conheço a outra, a de estar morrendo. Nossa, péra! Ai. A gente vai mexer nas lembranças e vêm essas coisas, né? Me voltou aquela voz cochichando no corredor do hospital numa das vezes em que fiquei internada. Não sei de quem era. Aquele sussurro de novo nos meus ouvidos, triste, lamentoso, sem se dar conta da crueldade:

— A doutora está louca com essa menina. Ela não tem chance nenhuma.

A pessoa falou escondido, mas eu ouvi. Eu era tão pequena... Não, não sinto raiva. É que voltou agora. E conto pra te dar uma ideia do meu estado de saúde na época. Eu vivia doente. O tempo todo. Nunca sarava. Pneumonia, tuberculose, fungos na pele, derrame pleural. Lembro de todos esses nomes. Um amigo da minha mãe que era dono da papelaria do bairro até pagou um médico particular pra mim, porque ele não se conformava de me ver tão doente e nunca melhorar. Mas eram os anos 90, quem ia desconfiar que uma criança podia viver com HIV?

Sabe quem desconfiou? Um dos meus irmãos adotivos, que estava preso no Carandiru. Eu ia com a minha mãe visitar ele. Não sei se um outro preso comentou, ou se ele concluiu sozinho, comparando o meu estado com

os dos presos que viviam com HIV na prisão. Mas esse meu irmão gostava de escrever. Poesias, cartas, principalmente cartas. Ele escrevia carta pra todo mundo. Pro Gugu, pra Xuxa, pro Silvio Santos... Um dia ele resolveu escrever pro Ministério da Saúde contando de mim, que não era possível médico nenhum conseguir curar aquela criança. O Ministério respondeu pra ele recomendando que me levassem ao SAE Betinho, Serviço de Atenção Especializada em HIV/Aids, em Sapopemba, na zona sul de São Paulo. Minha mãe me levou. A médica me examinou e eu já saí de lá colhendo exames e com uma sacola de remédios.

Nessa época eu estava na quarta série na escola. Mas quase não frequentava as aulas, porque vivia fraca. Depois que passei na médica, melhorei um pouco e fui mais ao colégio, só que ficava isolada, sozinha, fazendo as lições num cantinho da sala dos professores. Eu tinha muitas feridas pelo corpo, principalmente na cabeça. As outras crianças me olhavam com medo, me apontavam, me atiravam giz, pedra, riam de mim.

Eu usava uma touca pra esconder e as meninas e os meninos arrancavam ela de mim e corriam, escondiam. Meu apelido era Malária. Todo mundo na escola me chamava de Malária.

E aqui eu tenho que falar da Severina, a enfermeira do SAE Betinho que mais ficou do meu lado. Eu ia toda tarde e passava horas lá recebendo medicação na veia. A Severina cortou meu cabelo por causa das feridas, me deu uma peruca, me trouxe roupas de presente. Ela dizia que eu devia ficar bonita pra me sentir melhor. Foi uma pessoa muito, muito importante que eu reencontrei agora nesse processo de renascimento e gestação. Ai, Severina, eu nunca te esqueci e nunca vou te esquecer. Muito obrigado por tudo o que você fez por mim, viu.

Ai! Ufa! Agora preciso de um segundo pra recuperar o fôlego. Desculpa,

mas é muito forte tudo isso pra mim.

Voltando.

Eu ia à médica, fazia o tratamento e ninguém me contava o que eu tinha. Até que um dia, aí eu já estava com 10 anos, vi na televisão falarem o nome de um remédio que eu tomava. E o repórter dizia que era pra Aids. Eu não sabia do que se tratava, dessa doença eu ainda não tinha ouvido falar. Perguntei pra minha mãe:

— Eu tenho isso?

— Não, você não tem isso, ela desconversou.

— Então, se eu não tenho, não vou tomar mais esse remédio.

E parei de tomar. Bom, tinha chegado a hora das revelações impactantes. No plural, porque não era só uma. A minha pediatra, doutora Elza, disse pra minha mãe que, pra continuar o tratamento, era importante me explicar o que eu tinha, falar do HIV. A doutora Elza é outro anjo na minha vida. Ela ficava comigo nas sessões de medicação, às vezes quatro, cinco horas, sempre perguntando se eu me sentia bem, e no final ainda me levava pra casa. Nessa conversa com a minha mãe ela disse que era hora de contar que eu vivia com o vírus e como adquiri. Pra isso ela teria que me revelar que eu era adotada, porque se a verdade ficasse pela metade seria a mesma coisa que uma mentira — e as mentiras atrapalham o tratamento. A minha mãe concordou e autorizou a doutora Elza a falar comigo. Ela explicou tudo, tudo, tudo, de um jeito carinhoso, esperançoso. Tanto que eu fiquei mais abalada com a história de ser adotada. Da doença a doutora Elza me garantiu que eu ia ficar boa, era só me cuidar direitinho, não deixar de tomar os remédios. Mas como eu ia sarar do fato de meus pais terem me dado pra outra pessoa quando eu ainda era um bebê?

Por isso eu te falei de cura, de nascer adulta e andar pelada pela mata. Eu tive visões que clarearam muitos pontos da minha história. Nesse processo da ayahuasca eu vi que eu tinha sido uma filha desejada. Vi que meus pais biológicos tinham montado um quartinho pra mim, que me esperavam. Vi a minha mãe, a minha avó e vi o meu pai também. Aí eu entendi um pouco que a questão toda era com meu pai. Ele era usuário de droga, meio caiçara, meio deixa-a-vida-me-levar. Não era uma pessoa ruim. Nas visões, o HIV vinha do meu pai e foi isso que determinou a minha história de páginas em branco. A minha mãe não conseguiu lidar com as dificuldades, com aquela energia, e me deu pra outra pessoa. Eu ia vendo tudo isso e ao mesmo tempo ia sendo confortada. Era bom ter alguma explicação.

Sim, é bonito agora. Mas o caminho até esse ponto foi muito difícil. A adolescência, a juventude... Aí, tudo tão duro. Não quero que sintam pena de mim. Mas se é pra contar a minha história eu estou contando. Uma vez eu tomei um porre de vinho Sangue de Boi. Desmaiei na festinha e tudo. Aí chamaram a ambulância. No caminho pro pronto socorro, eu despertei por um instante e tinha um amigo meu do meu lado. Eu me sentia muito preocupada, aflita e pedi pra ele:

— Avisa pra eles que eu sou soropositivo.

Na época a gente ainda usava essa expressão. “Avisa pra eles que eu sou soropositivo”. Minha preocupação era com os profissionais de saúde que iam cuidar de mim. No SAE Betinho todo mundo sabia, mas sei lá pra onde estavam me levando. Resumindo: esse amigo resolveu contar pra todo mundo na escola. Eu já estava no colegial. Na festinha, eu tinha ficado com um menino e ele espalhou que tinha transado comigo. Era mentira. Mas ele falou. E aí você pode imaginar o que virou a minha vida. A violência que eu sofri quando era

uma menina de 7 anos recomeçou, só que agora muito mais forte. Eu chegava na sala de aula e tinham escrito na lousa: “podre”, “doente” e outras palavras piores. Tive que mudar de horário, pro período da noite, pra ver se conseguia estudar.

Só que piorou. Até hoje eu não acredito que uma professora foi capaz daquilo. Professora de matemática, coordenadora da sala. Um belo dia ela entrou e pediu:

— Todas as meninas podem sair. Quero conversar com os meninos.

Eu saquei na hora. Claro que ela ia falar de mim. Fiquei esperando na porta e cada um que saía me olhava com duas expressões: medo ou desprezo. Às vezes as duas ao mesmo tempo. Depois, um amigo me contou que a professora tinha dito só barbaridades. Que eles precisavam ter cuidado comigo porque eu usava drogas — mentira, experimentei muito tempo depois. Porque eu transava com todo mundo — mentira, eu era virgem. Que eu tinha Aids — meia mentira, eu vivia com o vírus, mas me tratava e não estava doente.

Fiquei muuuuito puta da vida. Muito. Me fez mal demais. Esse tipo de coisa se repetiria várias vezes depois. Hoje eu falo abertamente, porque EU decidi falar. Mas tem gente que insiste em querer decidir falar por mim. Na igreja evangélica que eu frequentava, por exemplo, sempre que rolava uma relação mais próxima com algum menino, um líder do grupo chamava esse menino e dizia “Você sabe o que ela tem, né? Sabe onde está se metendo?”. Então foi assim, na base da violência, que eu descobri que a vida de quem vive com HIV pode ser uma invasão constante e cortante. E quem mais nos invade nem é o vírus. São as pessoas à nossa volta.

Bom, tem esse lado ruim. Mas eu estou noutra vibe agora, sabe? A gravidez me conduziu pra outros lugares. Quando eu e meu companheiro viemos morar

nesta casa eu tive uma sensação tão boa, tão diferente. Pela primeira vez na minha vida eu ia morar numa casa com dois quartos. E um dos quartos, eu senti isso de um jeito tão gostoso, tinha uma baita energia de criança. Um astral de erê, uma coisa suave, de paz e alegria que até então eu não tinha experimentado, porque a minha história de criança, como você viu, foi meio que roubada, né? Mesmo assim eu pude sentir aquela vibração diferente e comentei com o Léo:

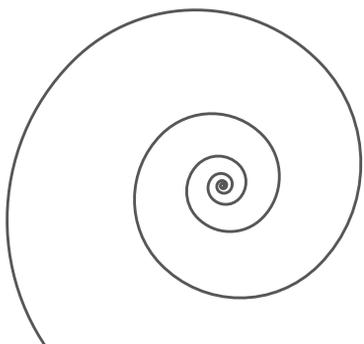
— Amor, acho que a gente vai engravidar, hein?

E aqui estamos. Eu fui buscar a minha espiritualidade e acabei preenchendo algumas páginas da minha biografia. É um começo. Uma nova mãe, um novo pai, um novo filho. Uma vida inteira nova. Nova sabedoria, eu acho. Dias atrás eu fiz o chá de bebê. Cuidei de toda a decoração. Quando ficou pronta, eu olhei e até me espantei:

— Caramba, não é que eu levo jeito?!

Aí eu fui compreendendo a minha cura. Era a cura da minha saúde, porque hoje eu tenho carga viral indetectável e, portanto, meu filho vai nascer sem o vírus, e muitas outras curas: do meu passado, da minha criança, do meu feminino. Tudo ficou muito claro pra mim: eu precisava curar a minha criança para o milagre de gerar outra.

Assim nós nascemos. Eu e o Elohim. Né, meu filho? Vem, meu querido, pode vir, que a mamãe está te esperando pra gente desenhar a nossa árvore e dançar juntos por aí



Rosana Garcia Cassanti,
35 anos, é terapeuta holística e vive
em Pirituba, zona norte de São Paulo



**A GENTE OUV
MELHOR QUANDO
SE SENTE ACOLHIDO**

A TRINCHEIRA DE THIAGO ROBERTO

Capítulo 7

O i, migo, cê me desculpa o sumiço? Fiquei tão gripado... Corpo dolorido, todo derrubado, nossa!, vou te falar. Pior que Covid. O lado bom foi que, de molho, sobrou tempo pra pensar, rememorar, fazer aquele balanço da vida, sabe? De importante? Bom, deixa ver... Ah, de importante eu lembrei de uma propaganda do Ministério da Saúde que saiu numa revista muito tempo atrás, eu estava no colégio ainda, e dizia assim: “Use camisinha com o seu namorado. Essa conversa pode ser de pai pra filho”. A gente assinava essa revista lá em casa e aí meu pai, como quem não quer nada, deixou ela jogada no sofá, aberta bem na página da propaganda.

Não, não, eu nunca disse pra ele ou pra minha mãe que sou homossexual. Pelo mesmo motivo que o meu irmão nunca disse que é hétero. Se é natural pra ele, tem que ser natural pra mim também. Mas, então, nesses dias de gripe e sumiço eu lembrei desse episódio. De como foi bonito o cuidado do meu pai, do jeito dele, o jeito que ele pôde fazer aquilo. Fui divagando nisso, será que era a febre?, e pensei também na coisa da informação, em como ela é passada, como chega às pessoas e como ela está ligada ao acolhimento, à compreensão, à empatia. Me impactou, viu. Naquele dia, olhando pra revista que meu pai largou no sofá, eu não fazia ideia ainda, mas essa questão se tornaria vital na minha militância, no meu ativismo, meu jeito de pensar, agir, de estar no mundo.

Hoje eu promovo duas festas LGBT em São Paulo, a Dando e a PopPorn, que reúnem 1.500 pessoas cada uma, por edição. Festa, né, bb? Diversão. Mas elas têm muito do que tô te falando: informação contra o preconceito, empatia contra o estigma. Redução de danos, manter-se vivo, é disso que se trata. Como eu sou de uma família evangélica, tenho esse lado meio pastoral, acho. Falar, dialogar. Eu levo tão a sério isso. As palavras contam demais. Sou contra, por exemplo, a gente dizer “luta

contra a Aids”, “combate ao HIV”. Tem julgamento nessas expressões bélicas. Com elas, o tema deixa de ser coletivo, de ser saúde pública, pra ser um “problema” individual e passível de culpa. Soa meio violento — e ineficaz — você abordar uma pessoa que vive com HIV falando de guerra, combate e luta, como se ela fosse inimiga. Porque não existe HIV sozinho. Existem pessoas que vivem com HIV. Tem tanta coisa melhor pra dizer. Tipo “você precisa de companhia pra ir ao médico?”, “olha, hoje existe tratamento, vai ficar tudo bem”, ou “sabia que, tratando direitinho, você pode ficar indetectável e intransmissível?”. Por isso eu digo: informação é o primeiro ato de acolhimento. A gente ouve melhor quando se sente acolhido. O dia que me convidarem pra falar na ONU ou na OMS, rrsrrs, eu vou propor trocar Dia Mundial de Luta contra a Aids por Dia Mundial de Conscientização sobre a Aids. Lutar contra, a gente luta contra a desinformação.

As festas? Tá, péra. Pra te falar delas eu preciso voltar pro passado de novo. Rapidinho. Eu sou de Assis, interior de São Paulo. Ali pelos 16, 17 anos eu conheci o NEPS, Núcleo de Estudo e Pesquisa sobre Sexualidades, ligado à Unesp. Eles tinham filmes, revistas, livros, era o pessoal da psicologia, com muita informação. E eu tinha fome de informação. Me aproximei, me envolvi e comecei a participar das ativasções de prevenção com travestis, garotas de programa, a galera marginalizada da cidade. Foi no NEPS que eu entendi que havia recursos do Estado brasileiro, do SUS, pra melhorar a vida daquelas pessoas. E que, quanto mais e melhor a gente usasse esses recursos, mais abrangentes e eficientes eles seriam.

Em 2009 eu vim pra capital, trabalhei primeiro com moda, e em 2014 fui ser produtor do PopPorn, que era um festival de filmes pornôs. A Susy Capó, jornalista, atriz, produtora cultural, tinha idealizado o PopPorn e era a grande força dele. Era ela quem conseguia

os recursos pra montar tudo. Quando ela se foi, a gente pensou em fazer festas pra bancar o festival. Ok, se vai ter festa, vai ter darkroom. Sabe o que é? Um canto escuro na festa onde as pessoas podem transar reservadamente. Na época estava rolando uma “higienização” da cena LGBT. As boates chiques da cidade tinham eliminado o darkroom, numas de tentar riscar o sexo do mundo gay. Queriam deixar a cena mais “limpinha”, ou seja, sem sexo, e o que conseguiram com essa hipocrisia foi piorar as coisas: estigmatizavam, dificultavam o diálogo e o cuidado. Então nós trouxemos de volta o darkroom, demos visibilidade pra ele, pra facilitar a circulação de informação e ter acesso aos recursos destinados à prevenção.

As festas cresceram rápido. Mil, mil e quinhentas pessoas. E aí começam a pintar uns surtos. Hepatite A, gonorréia. Caramba! A gente vai monitorando e percebe que tinha um problema sério de comunicação ali. As campanhas oficiais sobre prevenção não dialogavam com o público das festas. Aquela linguagem da propaganda da revista que meu pai deixou no sofá não surtia mais efeito na galera. As pessoas passavam batido pelos cartazes, nem se davam conta deles. Então resolvemos inserir toda a informação na linguagem visual das festas: as cores, os tipos de letras, o vocabulário, a abordagem. Era a nossa voz cuidando dos nossos. O monólogo virou diálogo. Depois, a estratégia foi apresentada em seminários internacionais e nós fomos até premiados pela Prefeitura.

Hoje esse diálogo não acontece só nos dias das festas. Ele é constante, diário e muito forte nas nossas redes sociais. O público das festas quer informação e, posso ficar orgulhoso disso?, a gente consegue fazer a informação chegar até ele. Quando, por exemplo, a gente informa no Instagram da Dando que vai ter PrEP, domingo, no Minhocão, a resposta é absurda de boa. Lota. Antes, com o cartaz dizendo “Conhece a

“Profilaxia Pré-Exposição ao HIV?”, as pessoas mal perguntavam o que é PrEP. Mas o melhor é que, com isso, a gente conseguiu extrapolar a nossa bolha. A gente passou a falar também com o público fora da comunidade LGBT. Tão importante isso, bb, tão importante. Pra você ver: uma amiga minha foi à Dando e postou fotos no Instagram dela, aí a mãe de um amigo dessa amiga viu e foi falar como ele sobre prevenção. Queria saber se ele estava bem, se cuidando. Olha que coisa linda. Olha como a gente acessa as pessoas. Porque a nossa maior dificuldade é justamente dentro de casa, criar essa consciência. A minha mãe já viu meus comprimidos de PrEP e ficou achando que era tratamento pra Aids, preocupadíssima.

Por isso eu insisto: informação, migo, informação é a chave de tudo.

E eu mesmo já errei nisso, sabia? Uma vez recebemos 10 mil kits de autoteste pra HIV e começamos a distribuir nas festas. Eu achando o máximo. Só que não me preocupei com o diagnóstico, com o momento em que a pessoa faria a leitura do resultado. Ela recebia o kit, saía da festa bêbada, chegava em casa sozinha e fazia o teste. Positivo. E aí? Como ela se sente? Já imaginou? Foi um erro meu. Enorme. Olha, eu, que prezo tanto o diálogo, o acolhimento, estava possivelmente deixando as pessoas sem chão. Terrível. Me arrependo, claro. Quando fui interpelado e questionado sobre isso parei de distribuir. O autoteste não é uma coisa que você dá pras pessoas e esquece. Eu precisava ter tomado mais cuidado.

Mas às vezes a gente precisa cair pra aprender a levantar, né, migo? Seguimos. Não dá pra parar. Recentemente a gente criou o podcast Dando Texto. Pelo seguinte: com o fim do isolamento social causado pela epidemia do corona vírus, começou a pintar um problema de ansiedade na retomada das festas. Galera com crise de pânico mesmo.

E numa festa tudo pode impactar nisso. A iluminação, os BPMs do DJ, a abordagem do staff. Como a gente cuida do bem-estar das pessoas nessa retomada? Parece bobagem, mas pensa: uma música muito acelerada pode deixar uma pessoa ansiosa mais ansiosa, talvez mais propensa a exagerar na bebida, a consumir drogas e, o que nos interessa aqui, mais propensa ao sexo sem gel, sem preservativo. Então nós fizemos um podcast sobre isso. Também conversamos com os DJs, com o staff, o momento é de cuidado redobrado.

Enfim, bb, é isso. Preciso ir, que tenho dentista. Como? Meus planos? Olha, sou de escorpião, não planejo muito não. Gosto do instinto, da intuição, de ir fazendo. Agora que as festas estão crescendo, acho que continuar assim é um jeito de me preservar e não cair na ambição do capital, de enriquecer, só pensar em grana, essas coisas. Não tô aqui pra isso. Muito cedo eu entendi que podia ser um agente transformador da coletividade e é isso que me guia. Nossos dias são duros, conspiram o tempo todo pra gente virar um cínico, né? Mas resistir é lindo. Então vamos colocar assim: meu plano é me manter sensível, porque essa é a única maneira de continuar lutando. Beijos, tchau.



Thiago Roberto,
produtor das festas PopPorn e Dando,
que acontecem na região central de São Paulo



**EU NEM SEQUER
ENTENDIA DIREITO
POR QUE ESTAVA
SENTINDO TANTA DOR**

A MATERNIDADE DE TÁBATA

Capítulo 8

Ai, meu deus, olha só o meu pé. Tooodo inchado. Tá vendo? As pessoas acham que é pé de cachaça. Antes fosse. É silicone. Tenho silicone no corpo todo: seios, bunda, coxa. Silicone industrial que a gente se aplicava com seringa de cavalo. Desceu pro pé e de vez em quando fica assim, desse tamanho. Ah, mas deixa meu pé pra lá... Olha a minha foto de perfil no zap. Essa sou eu agora: Mulher Maravilha preta com bebê no colo. É como eu me sinto. Me tornei mãe de dois meninos e passei a administrar trabalho, vida pessoal, casa, filhos, tudo junto e misturado. Ô se cansa. Só sendo Mulher Maravilha mesmo. Mas nunca fui mais feliz.

Meu filho mais velho tem 19 agora. Ele chegou pra mim aos 15. O mais novo, que é irmão biológico dele, tem 11. Comecei sendo madrinha afetiva. Quando fui a primeira vez no abrigo onde eles estavam, nós éramos 25 candidatas a madrinhas e padrinhos. Eu, a única pessoa trans. Levava comigo aquela vontade que sempre tive de ser mãe de menina. Mas, nesse dia, nenhuma chegou perto de mim. Os técnicos e educadores foram me mostrar o lugar e o Everton estava no sofá, sozinho. Só ele não tinha ido conhecer os possíveis padrinhos. Sentei do lado dele e ele nem tchuns.

— Por que você não desceu com as outras crianças?, eu perguntei.

— Já tô velho. Sei come é: ninguém vai me querer, ele respondeu, sem tirar os olhos da televisão.

Na hora me deu um aperto no coração. Eu sabia muuuito bem o que é se sentir sozinha e desesperançada aos 15 anos. Continuei puxando papo:

— O que você gosta de fazer?

— De dançar. Dança de rua.

— Nossa, que legal! Eu sou bailarina clássica. Lá na ONG onde eu trabalho tem aula de dança.

E assim, pela arte, a gente foi conversando e se conhecendo. Teve mais três encontros entre técnicos, candidatas a madrinhas e padrinhos e todas as crianças. Eu ia ao abrigo e passava o dia inteiro lá. Conheci os outros cinco irmãos do Everton, uma escadinha: um de 11, gêmeos de 9, depois 8 e 6 anos, todos abandonados pela mãe e abrigados. O último desses encontros foi um passeio ao Parque Ibirapuera. Lembro que a gente sentou na sombra de uma árvore e o Everton, muito sério, disse assim:

— Me disseram que você quer ser minha madrinha, é verdade?

— Sim, eu gostaria. Mas a decisão também é sua. Vocês não são mercadoria que a gente leva como se fosse no supermercado. Se você quiser eu vou ficar feliz.

E ele, sempre sério, de pouquíssimas palavras, falou:

— Você não vai se arrepender do que está fazendo por mim.

Aí fechou. Mandeí a documentação, fórum pra cá, fórum pra lá, e me tornei madrinha afetiva do Everton. Ele passou a frequentar a minha casa aos fins de semana, falávamos o tempo todo de dança, balé, free step. Quando dei por mim percebi que aquela nova situação na minha vida parecia natural, parecia que tinha sido daquele jeito desde sempre. Então, com três meses dessa nova-velha experiência eu tive um surto.

Nós íamos comemorar o aniversário de um amigo aqui em casa e eu pedi autorização pro Everton ..passar a noite com a gente e dormir aqui em

casa. “Não, Tábata, ele ainda não está pronto, vamos devagar”, disseram os técnicos do abrigo. Eles só abriram uma excessão: em vez voltar às dez, dessa vez podia ser meia-noite. Era uma notícia ótima, mas o Everton ficou decepcionado, bravo: “Pôxa, tudo é difícil é pra mim!”. A angústia dele também era minha. Aí ataquei de mãe: “Não adianta espernear, porque no grito a gente não consegue nada de bom”.

Então, perto da meia-noite, lá fomos nós pro carro, voltar pro abrigo. Um não tinha coragem de olhar pro outro. Os dois em silêncio. Chegando lá, toquei a campainha, ele entrou, lá adiante se virou pra me dar tchau e quando o portão fechou... Menino... Eu desabei! Como eu chorava. Mal enxergava a rua pra dirigir, de tanto que chorava. Eu estava revoltada, com raiva e me perguntava: “Tábata, mulher, como você pôde abandonar o menino? Ele vai se sentir péssimo, vai achar que você não gosta dele!”. Entrei em casa soluçando, não me aguentava em pé. E meus amigos:

— O que foi que o moleque te fez?!

— Não fez nada, seus coisa! Tão malucos? Eu tô nesse estado porque me sinto culpada de ter deixado ele lá. Ele vai achar que foi abandonado de novo. Como eu pude fazer isso?!

— Mulher, volta pro corpo! Volta pro corpo!

É claro que não tinha alternativa. Levar o Everton de volta no horário combinado era a única coisa que podia ser feita naquele momento. Mas foi tudo tão forte, tão desesperador, que a razão sumiu. Eu nem sequer entendia direito por que estava sentindo tanta dor. Até que uma amiga que estava na festa, bom, à essa altura a festa já tinha ido pro beleléu, essa amiga, por sinal uma pessoa sensata, mãe de quatro filhos, me disse: “Nega, você é mãe desse menino”.

Eu nem dormi, né? Só esperei o dia clarear e liguei pro meu advogado:

— Doutor, quero entrar com pedido de adoção do Everton.

— Tem certeza, Tábata?

— Como nunca tive antes.

Eu queria cuidar dele. Eu queria mostrar pra ele que dava pra construir outra vida. Eu queria que ele não se sentisse desamparado nunca mais.

Toca reunir papelada, fórum pra lá e pra cá de novo. Em plena pandemia, no meio dessa doideira, eu me tornei mãe. Tábata, a mãe quarentona na quarentena. Primeiro do Everton e, meses depois, do irmão caçula dele, o Jackson, que tinha sido devolvido duas vezes pelos padrinhos afetivos. A gente não faz ideia, mas o período no abrigo afeta o desenvolvimento da autonomia das crianças. Os dois, quando vieram em definitivo pra cá, pediam autorização pra tudo: “Posso pegar uma laranja? Posso ir tomar banho agora? Posso tomar leite?” Até que um dia juntei os dois, abri a geladeira, a despensa e falei: “Tudo o que tem aqui é de vocês também. Não precisa pedir, é só pegar”. Também os ensinei a fazer um arroz e a fritar um ovo, assim não passam fome. E agora entrei com pedido para adotar os outros quatro irmãos deles. Não posso querer formar uma família desmanchando outra. Vou ser mãe dos seis.

A minha mãe foi mãe de três. Só que ela expulsou um de casa aos 11 anos: eu. Por causa da minha sexualidade. Eu já tomava hormônio por conta própria, tinha o rosto muito feminino, usava cabelão... Aí ela me pegou com um namorado e me botou pra fora. Saí andando de short e camiseta pela rua, tarde da noite, e uma amiga cabeleireira me viu. Eu contei o que tinha acontecido, ela me levou pra casa da finada Morgana, que Deus a tenha. A Morgana era uma cafetina que eu tinha conhecido como Nelson no colégio. Era um boy que tirava o foco de cima dele e jogava em mim: “Olha lá o viadinho, a bichinha, pega ele”, e, pau!, os

meninos me espancavam. Enquanto eu apanhava, o Nelson ficava livre pra dar, chupar à vontade. Você desculpa as palavras, mas era isso mesmo.

Naquela madrugada, então, nos reencontramos. O Nelson já era Morgana, toda plastificada e dona de uma casa de prostituição. Ela me jogou dois almofadões, apontou um corredor e foi dizendo:

— Não tenho cama pra você. Hoje você dorme aí e amanhã de manhã a gente conversa.

Eu deitei no chão e só chorava. Meu deus, o que eu fiz com a minha vida? Aquele corredor comprido... E atrás de cada porta um quarto cheio de beliches. Nem dormi. De manhã a Morgana não perdeu tempo, ela não era de enrolação.

— Seguinte, você tem duas opções: ou cuida da minha casa, limpeza, roupa, louça, comida, tudo, ou vai pra rua junto com as outras fazer programa.

“A minha mãe não me criou pra isso”, eu pensei. Olha como são as coisas. A minha mãe tinha acabado de me jogar ali, eu tinha todo direito de sentir raiva dela. Mas nunca senti essa raiva, sabia? Porque a errada era eu. Errada por esconder, temer, me envergonhar de quem eu era, de quem eu sou. Eu podia pelo menos ter sentado e tentado explicado pra ela. Acho que teria sido diferente, sim. Porque, apesar de tudo, ela sempre foi uma mulher de diálogo aberto com os filhos. Eu devia ter tentado.

Mas, enfim, eu não queria me prostituir. Fui ser empregada da Morgana. Aguentei três anos, até os 14, quando as coisas apertaram financeiramente pra mim e pro meu ex e eu tive que ir pra rua. Foi a pior coisa da minha vida. Me prostituí dos 14 aos 25 anos. Determinei essa idade limite porque eu tinha medo de morrer. Tive medo todos os dias. Eu estabelecia meus horários

pela televisão. Começava Malhação, cinco e meia da tarde, eu ia pra esquina. Terminava a última novela, umas dez, dez e meia, eu já queria estar em casa. Porque essa era a hora da função, do quebra-quebra, da correria, dos espancamentos. Na época, a polícia montou uma operação chamada Tarântula, que era pra nos matar, “limpar a rua”, como diziam. Era assim: os policiais fechavam a rua com cachorros, ataçavam os bichos e diziam pra gente: “Vocês têm dois minutos pra correr”. Olha, você precisa me ver escalando um muro, uma árvore... Nem a Mulher Maravilha faz melhor. A gente parecia aranha, por isso Operação Tarântula, entendeu? E os cachorros atrás. Apanhei demais, fui presa demais, humilhada demais. Eu via que ia morrer.

Teve um dia que me jogaram no camburão e me levaram pra represa Guarapiranga. Estava seca que nem hoje, só barro. Fizeram a gente rolar naquele lodo, eu e minha amiga Baby, que já faleceu, coitada. A calibre 12 engatilhada nas nossas cabeças: “Ou vocês rolam na lama ou morrem”. E eles matavam mesmo. Quem ia ligar? Anos 90, todo dia aparecia um corpo de travesti assassinada, ninguém dava bola. Eu rezava, chamava por deus, por minha mãe, lembrava dela dizendo pros filhos “em qualquer situação, saibam entrar e saibam sair”. Acho que não morri por milagre.

Até hoje a expectativa de vida de uma travesti é de 30, 35 anos. Por isso eu estabeleci que me prostituiria até os 25, que era pra ter mais uns dez pela frente. Aí, todo dinheiro que eu juntava eu ia fazendo meus cursos de dança, que era um ambiente onde mais ou menos me aceitavam. Mais ou menos porque a professora também não queria me deixar ser.

— Você é o partner, o suporte, ela dizia.

E eu:

— De jeito nenhum! Eu quero voar, quer ser levantada, jogada pra cima, quero fazer o que as meninas fazem!

Bom, acabei me formando em balé e completei o segundo grau, aos trancos e barrancos e com bastante apoio do meu segundo marido. Ele dizia “Retoma os estudos, Tábata. Você precisa pensar no que vai fazer depois que deixar a rua”. Eu amei muito esse homem, ficamos sete anos juntos. Ele morreu em decorrência da Aids em 2004. E só aí descobri que eu também vivia com HIV. Ele nunca me contou. Depois entendi que ele tinha medo de me perder se contasse. Mas foi uma tremenda irresponsabilidade da parte dele, né? Eu me prostituí por quase dez anos e me contaminei em casa, com meu marido. No dia que ele faleceu, depois de três meses no hospital, eu voltei pra casa a pé, fraca, e desmaiei na rua. Caí em cima de uma pilha de sacos de lixo que estavam na calçada. Ninguém me socorreu, ninguém veio ver se eu estava bem, ninguém chamou uma ambulância, nada. A sorte foi que meu irmão passou de carro e me viu. Conto esse episódio porque ele simboliza como a sociedade ainda olha pra gente, pessoas LGBT, vivendo com HIV. Somos lixo?

Bom, me coloquei no lugar do meu marido: não se cuidou, escondeu, morreu. No dia seguinte de manhã eu estava no Centro de Referência DST/Aids. Queria entender o que ia acontecer comigo dali em diante, se eu ia morrer daquele jeito que nem ele. Comecei o tratamento e fui estudar o assunto. Começou uma nova fase da minha vida: eu ia a todo congresso, conferência e palestra sobre HIV/Aids que conseguia. Virei ativista, fui buscar melhores condições de vida pra pessoas como eu. Comecei a trabalhar numa ONG que atende pessoas vivendo e convivendo com HIV e passei a atuar como agente e articuladora de prevenção aqui na região do M’Boi Mirim e Jardim Angela.

Nesse território, o maior desafio, imenso, é com os jovens. Muitos se contaminam na primeira relação porque não querem usar preservativo. Outro tan-

to não se cuida porque diz “ah, tia, hoje em dia tem tratamento”. Menino... Quando ouço uma coisa dessa eu voo na jugular: “Você conhece os efeitos colaterais do tratamento, meu querido, minha querida? Varia de pessoa pra pessoa, mas já pensou passar o resto da vida tendo diarreia, insônia, fadiga?” Eu taco o terror. “Queridinhos, vocês acham que tratamento pra HIV é o quê? Melhoral Infantil?”

Tem que falar a língua deles. E eu falo, porque eu também sou eles. Sou preta, nasci, me criei e moro na periferia, só não sou jovem, mas conheço na pele todas as vulnerabilidades de viver aqui. E olha que mesmo assim vejo umas coisas que me espantam. Outro dia fomos fazer ação de prevenção numa balada que acontece numa chácara. De repente toca uma sirene, um pisca-pisca, do nada acende a luz. Ué, cadê o povo? A sirene era pra ir embora? Quando eu olho tá todo mundo no chão, os meninos deitados em fila e as meninas quicando em todos eles, um por um. Ninguém de camisinha. Olha, vou te dizer uma coisa, foi desacreditável até pra mim. Sinal de que tô ficando velha.

Aliás, tenho pensado muito nisso. Eu nunca achei que fosse chegar aos 45 anos. Mas não só cheguei como cheguei mãe. Caraca! Aí comecei a entrar num questionamento: e as pessoas LGBT idosas? Eu tô pirando nisso. Doidinha. Por um momento até pensei em não fazer mais nada, só me aposentar e descansar. Porque, vou te falar, o que vivi até agora dá umas três vidas, né? Mas não sou de parar, me conheço. Crochê não sei fazer. Então tô vendo que, se eu passar dos 50, vou querer buscar políticas públicas pra nós, velhinhos e velhinhas LGBT.

Ai, menino, falando nisso, deixa eu te contar a última. No Natal passado, meu filho Everton pediu pra trazer a namorada aqui em casa. Vai vendo o lugar em que eu cheguei. Primeiro, questionei o namoro, claro. Fiz o maior drama. “Meu filho, ela é mais velha que você, aonde você acha que isso vai dar?”. Ai, que vergonha. Mas fui esse tipo de mãe. Depois, fui criando dificul-

dade: “Mas eu não preparei nada especial pra ceia...” Eu nervosa, tremendo, ele segurou nas minhas mãos:

— Ela não vem pra comer. Vem pra conhecer a minha família. E a minha família é você.

— Então traz a namorada. Seja o que deus quiser.

Uns dias antes do Natal eu telefonei pro abrigo, pedindo socorro, desesperada. O que eu faço, gente?! Me dêem uma luz, ele quer trazer a namorada! A única coisa que disseram foi “Ai, que fofo... Parabéns, Tábata.”

Bom, a namorada veio, a casa cheia de viado, todo mundo dançando, cantando. Ela entra. “Oi tudo bem, eu sou Tábata, mãe do Éverton. Quer comer alguma coisa?” Por que cazzo as mães só pensam em comida? Mas foi uma noite ótima. Até eu surtar de novo na hora de eles irem embora. Fui com eles até o ponto de ônibus, pedi desculpa por qualquer coisa, não repara a bagunça, volte quando quiser, a casa é sua e...

— Meus amores, usem camisinha, pelarmordedeus! Eu fui mãe outro dia, ainda não tô preparada pra ser avó. Não matem a Mulher Maravilha do coração!

Tábata Alves,

45 anos, professora de balé clássico,

vice-presidenta da ONG Conviver é Viver.

Vive e atua no Jardim Angela, zona sul de São Paulo



EU NEM SABIA A
DIFERENÇA ENTRE
VÍRUS E DOENÇA

O MAKTUB DE WELTON

Capítulo 9

Existem dois momentos decisivos na jornada de quem vive com HIV. **E**les acontecem quase juntos. O primeiro momento, o do diagnóstico, é desolador. “Acabou”, é assim que a gente pensa. Mas é o segundo momento que define de fato as coisas. É quando você consegue abrir uma brecha naquele vazio, naquele desespero, naquele medo terrível, respira, pensa, e decide o que fazer. No meu caso, a decisão que eu tomei depois de ler o resultado do exame transformou a minha vida. Me colocou na trajetória que sempre esteve desenhada pra mim. Por isso tatuei “Maktub” no braço esquerdo. Maktub: estava escrito, tinha que acontecer. Jamais como fatalidade, ou castigo. Mas como história, missão. É uma bênção a gente ter a chance de identificar qual o nosso papel enquanto está de passagem por esse pobre planeta. Então não tem exagero quando eu digo que a minha vida começou depois que recebi o diagnóstico de HIV. Começou a vida que estava escrita pra mim. Claro que o processo não foi tão tranquilo quanto eu consigo narrar agora. Mas lá se vão oito anos, aprendi muita coisa. Vou contar pra você como tudo aconteceu.

Era junho de 2014 e eu tinha 24 anos. Fazia uma semana que eu estava com sintomas fortes de gripe. Passei na AMA, a médica disse que era virose e me prescreveu uma injeção. Continuei mal no sábado e no domingo e voltei na médica na segunda-feira: “Virose muito forte mesmo. Toma outra injeção e soro, porque você está desidratado”. Tomei. Ela não pediu exame nenhum. Como eu não melhorava, conversei com um amigo que trabalhava num laboratório de análises clínicas. “Dá um pulo aqui pra fazer um exame de sangue”, ele falou. Fui, fiz, depois peguei os resultados e, como me sentia melhor, nem abri. Joguei na mochila e esqueci lá. À noite, esse amigo me ligou: “E aí, como estão seus exames?”. Eu nem desconfiava, mas estava só a alguns segundos do meu primeiro momento decisivo. Fui buscar o envelope na mochila. Abri, fui lendo, lendo e lá estavam aquelas três palavras brutais e ruidosas como um tiro: REAGENTE PARA HIV.

Eu nem sabia a diferença entre vírus e doença. Pra mim eu estava com Aids e ia morrer. Ponto. Hoje eu corrijo todo mundo e não deixo passar, porque até campanha do Ministério da Saúde diz “faça seu teste de Aids”. Errado. A gente não faz teste pra doença, faz pro vírus. O correto é “faça o seu teste de HIV”. Isso muda tudo. Se àquela altura eu tivesse essa informação, não teria ficado tão apavorado. Eu tremia tanto, tanto, peguei o computador, abri o Google e digitei “Aids”. A primeira coisa que apareceu foi a famosa fotografia do Cazuzu debilitado. Eu estava sozinho em casa, meus pais tinham ido viajar. “Pronto, fodeu. Fim da linha pra mim”, falei em voz alta. Ainda consegui pensar em como eu ia contar pra minha mãe e pro meu namorado. Fazia poucos meses que eu tinha me assumido gay, depois de quatro anos de um relacionamento hétero, e ele tinha sido o primeiro cara com quem eu fiquei. Receber o diagnóstico positivo foi excruciante. Difícil até descrever. Agonia, angústia, desamparo. Eu nunca tinha sentido nada parecido. E só voltaria a me sentir daquele jeito no dia em que minha mãe morreu, algum tempo depois, em 2020.

Aí veio o segundo momento decisivo. O que eu faço agora? Olhei no relógio. Meia-noite e oito do dia 28 de junho de 2014. Continuei lendo sobre Aids e HIV na internet. Por horas, madrugada adentro, só eu e a minha sensação de fim. Até que caí num texto do Diego Callisto, um jovem ativista gay e HIV-positivo. Escrevi uma mensagem enorme pra ele, pelo Facebook. Nem sei como saiu, mas devia ser fácil ler o meu estado de espírito naquele amontoado de frases aflitas. O Diego me respondeu na hora: “Calma, Welton. Primeiro, esquece a Aids. Nós vivemos com o vírus, não com a doença. E, por enquanto, o exame que você tem em mãos mostra isso, o HIV”. Ele disse também que tudo ia correr bem, que eu iniciaria o tratamento e com isso chegar a uma carga viral indetectável e ter uma vida normal. O Diego também me colocou num grupo fechado do Face no qual pessoas que vivem com HIV, pelo mundo inteiro, relatam suas histórias. Jovens, adultos, mães, pais... Eu li, li, li até o amanhecer e aquilo foi

me acalmando. Saquei que eu não era o único, não estava sozinho e que o diagnóstico não era minha sentença de morte. Pelo contrário: era a minha sentença de vida. Uma vida nova, diferente e mais minha do que antes.

Na mesma semana eu fui ao Serviço de Atenção Especializada M'Boi Mirim, o SAE, fiz mais exames que confirmaram e detalharam o diagnóstico. Mas fiquei bem. Eu não tinha mais aquela sensação ruim. Porque é o desconhecimento que amedronta. Eu tinha muita informação e não sentia mais medo. Tanto que, quando cheguei em casa, meu telefone tocou e era a Cris, enfermeira do SAE que tinha me atendido. "Oi, Welton, fiquei preocupada, porque você saiu daqui tão tranquilo. Achei estranho e tô ligando pra saber se você está bem". Sim, eu estava. E aquele telefonema me deixava ainda melhor. Primeiro o Diego, agora a Cris. Eu estava sendo tão bem acolhido, respeitado, a preocupação das pessoas comigo fazia eu me sentir tão forte... A vida nova pulsava em mim.

Numa das minhas consultas, lá no SAE mesmo, eu estava na sala de espera e vi um rapaz arrasado, inconsolável. Ele tinha acabado de descobrir que vivia com HIV. Me enxerguei nele. Era o Welton desesperado naquela madrugada depois de abrir o envelope. Então fui conversar. Contei que eu também era HIV-positivo e que conhecia a dor que ele estava sentindo. Tentei acalmá-lo passando o máximo de informação que eu tinha naquele momento. Instintivamente, eu estava fazendo o que o Diego Callisto tinha feito por mim. Depois, conversando com a Dani, a minha médica, sobre esse episódio, surgiu a ideia de criar um grupo de apoio dentro do SAE, pra que, nós, pacientes, pudéssemos trocar experiências, informações e acolhimento. Não eram reuniões tipo Alcoolicos Anônimos. Se tornaram reuniões de amigos. Estabelecemos vínculos fortes ali. E amizade pra mim é isso: ser capaz de sentir a dor do outro. Não demorou pra gente perceber como aquilo era importante na adesão ao tratamento, inclusive. Por mais

atenciosos e competentes que sejam os profissionais de saúde, e eles são incriveis, é transformador ser acolhido nessa hora por alguém que já sentiu ou sente a sua dor. Logo as reuniões estavam transformando a mim também. Eu trabalhava como gerente de uma loja de equipamentos de golfe e não conseguia mais ter cabeça praquilo. Eu queria ajudar as pessoas a sentirem bem, a terem informações corretas sobre HIV/Aids, enterrarem de vez a Era Cazusa e continuarem sonhando. Resultado: o mundo perdeu um vendedor e ganhou um ativista.

Pra isso, no entanto, eu tomei outra decisão importante: assumir publicamente a minha sorologia. Essa é uma escolha muito individual e não cabe a ninguém dizer se é certa ou errada. Cada um faz como acredita ser melhor. No meu caso, eu achei, e continuo achando, que tornar pública a minha condição traria mais sinceridade ao meu trabalho de educador, à atividade de ajudar as pessoas a se prevenirem, fazerem o exame, seguirem o tratamento, acreditarem que vida com HIV é vida, não morte.

Parece pouca coisa, mas pra muita gente a questão HIV/Aids ainda está envolta em preconceito, desinformação e o sofrimento decorrente disso. A adesão ao tratamento não é algo fácil por causa disso. Algumas pessoas têm vergonha de serem vistas tomando o medicamento, por exemplo. Eu chamo de canto e falo: “Troca o frasco. Usa um de vitamina. Só você vai saber”. Outras recebem o diagnóstico e querem correr pra casa pra separar seus talheres, suas toalhas de banho, com medo de contaminar os filhos. “Calma, não é assim que funciona. Vamos tomar um café pra eu te explicar melhor?” Tem aquelas, e não são poucas, que sentem vergonha de entrar num centro médico com uma placa enorme na porta escrito HIV/Aids. Será que não está na hora de o poder público mudar isso? Há muitos casos de pacientes que procuram atendimento só quando já estão debilitados. Demoram demais por causa desse sentimento de vergonha.

E quando tem religião no meio, então? O que alguns intitulados “líderes religiosos” fazem é revoltante, pra dizer o mínimo. Uma vez um amigo do meu pai, que é de uma igreja famosa que não vou citar o nome, me mandou uma mensagem no celular e nós travamos o seguinte diálogo:

— Você está bem de saúde?

— Sim, estou bem.

— É uma doença bem complicada.

— Eu não estou doente. Eu vivo com um vírus chamado HIV.

— Queria te convidar pra vir na minha igreja. Pra deus nada é impossível. Ele pode te restaurar.

— Primeiro, eu não sou antiguidade quebrada que precisa de restauro. Segundo, tenho certeza que deus não quer a minha casa, o meu carro ou 10% do meu salário pra qualquer coisa que seja.

Conversa encerrada.

Sim, às vezes eu perco a paciência. Mas é necessário.

As pessoas me perguntam de onde eu tiro força pra seguir nessa luta. Da minha mãe, sem dúvida. Uma mulher incrível, lavradora, que, apesar de tantas faltas, tantas dificuldades, nunca perdeu a alegria de viver. Ela contava que quando trabalhava na roça, no interior de São Paulo, se afastava dos colegas na hora do almoço, pra comer escondida. Tinha vergonha que soubessem que a marmitta dela era só uma caixinha de fósforo cheia de sal e um tomate. Então você entende quando eu digo que compartilho da dor de quem reluta em fazer o teste, procurar o médico, aderir ao tratamento? Eu não tenho outro caminho a não ser o de tentar ajudar, levar algum conforto e confiança. Do contrário seria trair a minha história. Eu não poderia ter ficado gerente de loja a vida inteira e ser eu. Sou feliz e agradeço todos os dias por ter encontrado a minha es-

trada. Foi o HIV que me colocou nela. E dificilmente eu saio pro acostamento.

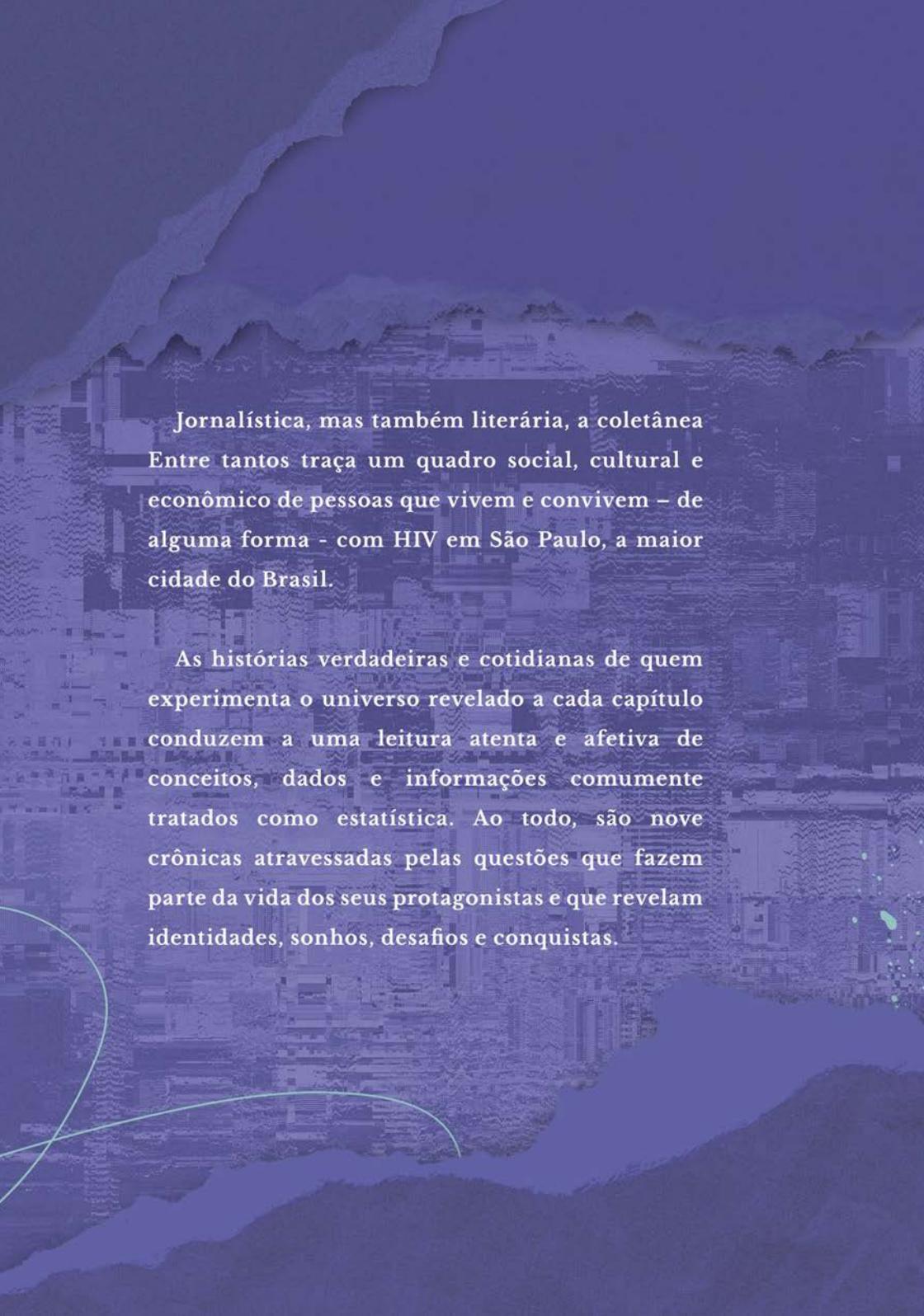
Ontem mesmo eu fui cortar o cabelo e entrou uma menina conhecida nossa. Profissional do sexo. Começou a falar de “Aids”, porque fulana “tá ferrada porque descobriu que tá com Aids”. Eu ouço essas coisas e meus ouvidos sangram. Tive que intervir, né? Conteí minha história, falei do meu trabalho e de repente tínhamos formado uma roda de conversa — eu, os cabeleireiros, essa moça, clientes que ficaram, outros que chegaram. Falamos de camisinha, PEP, PrEP, exames, medicamentos, vulnerabilidade, carga viral, i = i... Foi maravilhoso. Quando saí de lá, caminhando de volta pra casa, pensei: “Mas, Welton, você gosta de mexer com fogo, hein?”. Sim! E aí finalmente eu entendi de onde vinha a minha certeza infantil, um desejo de criança que sempre me acompanhou, de ser ser bombeiro quando crescesse. Era isso! Eu queria salvar as pessoas. Botar uma escada e tirá-las daquele lugar sufocante. Aplacar seus incêndios. Ajudá-las a respirar. Porque só assim eu respiro também.



Welton Gabriel,

32 anos, é educador e atua como agente de prevenção no Projeto Cidadania Arco-Íris da Coordenadoria de IST/AIDS da Secretaria Municipal de Saúde. Mora no Jardim Angela, zona sul de São Paulo

ENTRE
TANTOS



Jornalística, mas também literária, a coletânea **Entre tantos** traça um quadro social, cultural e econômico de pessoas que vivem e convivem – de alguma forma - com HIV em São Paulo, a maior cidade do Brasil.

As histórias verdadeiras e cotidianas de quem experimenta o universo revelado a cada capítulo conduzem a uma leitura atenta e afetiva de conceitos, dados e informações comumente tratados como estatística. Ao todo, são nove crônicas atravessadas pelas questões que fazem parte da vida dos seus protagonistas e que revelam identidades, sonhos, desafios e conquistas.